

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**A FÉ COMO ALICERCE: LEVANTAMENTO DOS TEMPLOS
RELIGIOSOS DA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO
ITALIANA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Edilse Antônia Piccolo Werlang

Santa Maria, RS, Brasil

2008

**A FÉ COMO ALICERCE: LEVANTAMENTO DOS TEMPLOS
RELIGIOSOS DA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO
ITALIANA**

por

Edilse Antônia Piccolo Werlang

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História do Brasil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em História do Brasil

Orientador: Prof^o. Dr. Vitor Otávio Fernandes Biasoli

**SANTA MARIA, RS, BRASIL
2008**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de História**

A Comissão Examinadora abaixo assinada, aprova a Monografia de
Especialização

**A FÉ COMO ALICERCE: LEVANTAMENTO DOS TEMPLOS
RELIGIOSOS DA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA**

elaborada por

Edilse Antônia Piccolo Werlang

**Como requisito parcial para obtenção do Grau de
Especialista em História do Brasil**

COMISSÃO EXAMINADORA

Profº. Dr. Vitor Otávio Fernandes Biasoli
(Presidente/Orientador)

Profº. Dr. Luiz Eugênio Véscio (UFSM)

Profa. Ms. Neida Regina Ceccin Morales (UFSM)

Santa Maria, 15 de dezembro 2008

AGRADECIMENTOS

À Deus, que esteve presente em todos os momentos de alegria, de ansiedade e de aflição, iluminando-me para que pudesse encontrar o caminho e seguir em frente na conclusão de mais esta etapa da minha vida.

À Universidade Federal de Santa Maria e ao programa de Pós-Graduação em História do Brasil, pela oportunidade de realizar esse curso de Especialização.

Ao Centro de Pesquisa Genealógica de Nova Palma (CPGNP) e casas paroquiais de toda a Quarta Colônia e ao Arquivo Palotino de Santa Maria pela disponibilidade do material solicitado.

Ao professor orientador Vitor Otávio Fernandes Biasoli pela confiança, pelo conhecimento e principalmente pelos momentos de aprendizado... meu carinho, meu respeito e minha admiração.

Ao professor Luiz Eugênio Véscio pela atenção, demonstração e por colaborar na construção deste trabalho. Enfim a todos os professores do Departamento de História que de forma direta ou indireta colaboraram para mais esta jornada.

À minha família, Mauro, Arthur e Elisa, esposo e filhos pelo apoio e incentivo.

A irmã e professora Evanir Piccolo Carvalho pelas correções ortográficas e pelo incentivo que sempre me foi dado.

A todos os colegas do Curso de Especialização que estiveram e continuam presentes em minha vida.

Por fim, aqueles que contribuíram de alguma forma neste curto espaço de estudos e pesquisa, para o qual sem a ajuda e compreensão de todos não chegaria ao final desta jornada.

RESUMO

Monografia de Especialização
Programa de Pós-Graduação em História do Brasil
Universidade Federal de Santa Maria

A FÉ COMO ALICERCE: LEVANTAMENTO DOS TEMPLOS RELIGIOSOS DA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA

AUTORA: EDILSE ANTÔNIA PICCOLO WERLANG

ORIENTADOR: VITOR OTÁVIO FERNANDES BIASOLI

Data e Local da Defesa: Santa Maria-RS, 15 de dezembro de 2008

O presente trabalho tem como foco a região da ex-Quarta Colônia de Imigração Italiana (1877-1882), matriz de importante núcleo de povoamento na região central do Rio Grande do Sul, hoje constituída por oito municípios. A sua história foi marcada, desde o início, por forte religiosidade católica, que deixou herança na região, perceptível até hoje nos inúmeros templos, capelas e capitéis. O trabalho tem como objetivo historiar essa imigração, sua religiosidade, e o estabelecimento da Igreja, através da primeira missão religiosa estabelecida na região: a Missão dos Padres Palotinos, no núcleo do Vale Vêneto, em 1886. Foi feito um levantamento dos diversos estabelecimentos religiosos católicos – paróquias e capelas – tendo em vista a intensa religiosidade existente na região.

Palavras-chaves: Imigração Italiana; Igreja Católica; Quarta Colônia

ABSTRACT

THE FAITH AS BASE: RESEARCH OF RELIGIOUS CHURCH OF FOURTH COLONY OF ITALIAN IMMIGRATION.

AUTHOR: EDILSE ANTÔNIA PICCOLO WERLANG

ADVISOR: VITOR OTÁVIO FERNANDES BIASOLI

Date and Place: Santa Maria-RS, december 15th 2008

The present research has its focus on the region of fourth Italian immigration colony (1877 – 1882), matrix of important of settlement nuclei in central region of Rio Grande do Sul. This region is constituted by eight districts and it is marked by strong catholic religiousness represented by temples, chaples and small chapels. This work aims to show the history of the immigration, its religiosity and the establishment of catholic religion through the first religious mission of Pallottinepriests, in Vale Veneto, in 1886. A survey was accomplished in many religious catholic temples - parishes and temples - in order to show the intense religiosity in the rigion.

Key Words: Italian immigration, catholic church, fourth colony.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Vapor marítimo que trouxe os imigrantes italianos para a América no início do século XIX	05
Figura 2: Momento da chegada dos padres Palotinos na Quarta Colônia.....	12
Figura 3: Vista da fachada frontal da igreja Matriz Corpus Christi de Vale Vêneto- município de São João do Polêsine-RS.....	21
Figura 4: Vista da fachada da igreja Matriz Santo Antônio de Pádua - Silveira Martins-RS.....	24
Figura 5: Igreja Matriz São Pedro Apóstolo – município de Santa Maria-RS/ distrito de Arroio Grande.....	25
Figura 6: Igreja Matriz da Paróquia São José – Ivorá-RS.....	26
Figura 7: Vista frontal da fachada da Igreja Matriz Santíssima Trindade – Nova Palma-RS.....	27
Figura 8: Igreja Matriz São Roque – Faxinal do Soturno-RS.....	28
Figura 9: Igreja Matriz São José – Dona Francisca-RS.....	29
Figura 10: Igreja Matriz São João Batista – São João do Polêsine-RS.....	30
Figura 11: Esboço cartográfico da área de estudo situando os templos católicos pesquisados.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I	
A QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA	03
1.1 A Partida da Itália	03
1.2 viagem.....	05
1.3 A Ocupação	06
CAPITULO II	
A IGREJA CATÓLICA NA QUARTA COLÔNIA: A CHEGADA DOS PADRES PALOTINOS	11
2.1 A primeira missa no Vale	13
2.2 A expansão dos Palotinos na região da ex-Quarta Colônia.....	16
CAPITULO III	
AS PARÓQUIAS DA QUARTA COLÔNIA	20
3.1 igreja matriz de Vale Vêneto.....	21
3.2 Vale Vêneto: a escolha do nome	22
3.3 Igreja Matriz de Silveira Martins.....	23
3.4. Igreja Matriz de Arroio Grande	25
3.5 Igreja Matriz de Ivorá.....	25
3.6 Igreja Matriz de Nova Palma.....	26
3.7 Igreja Matriz de Faxinal do Soturno.....	27
3.8 Igreja Matriz de Dona Francisca.....	28

3.9 Igreja Matriz de São João do Polêsine.....	29
CAPÍTULO IV	
AS CAPELAS DA QUARTA COLÔNIA.....	31
4.1 Capelas de Arroio Grande.....	32
4.1.1 Santuário Nossa Senhora do Rosário	32
4.1.2 São Marcos	33
4.1.3 São Valentim.....	33
4.1.4 São José.....	33
4.1.5 Nossa Senhora da Saúde	33
4.1.6 Santo Antônio	34
4.1.7 Santo Antônio da Palma	34
4.1.8 Santo Antônio da Figueira.....	34
4.1.9 Comunidade São Francisco.....	34
4.2 Capelas de Silveira Martins.....	34
4.2.1 São Roque.....	34
4.2.2 Nossa Senhora das Graças.....	35
4.2.3 Nossa Senhora da Pompéia.....	35
4.2.4 Nossa Senhora do Rosário (Santuário).....	35
4.2.5 Santa Inês.....	36
4.2.6 Sagrados Corações de Jesus e Maria.....	36
4.2.7 Nossa Senhora da Saúde.....	36
4.2.8 Nossa Senhora do Monte Bérico.....	37
4.2.9 São Luiz Gonzaga.....	37
4.3 Capelas de Dona Francisca.....	37
4.3.1 São Valentim.....	37
4.3.2 São Vicente Palloti.....	37

4.3.3 Nossa Senhora Imaculada Conceição.....	38
4.3.4 Nossa Senhora da Saúde.....	38
4.4 Capelas de Novo Treviso.....	38
4.4.1 São Marcos Evangelista.....	38
4.5 Capelas de Ivorá.....	38
4.5.1 Divino Espírito Santo.....	38
4.5.2 São Miguel.....	39
4.5.2 Santo Isidoro.....	39
4.5.4 Nossa Senhora de Lourdes.....	39
4.5.5 Santa Terezinha.....	40
4.5.6 Santo Antão.....	40
4.5.7 Nossa Senhora do Caravágio.....	40
4.5.8 Três Bem Aventurados Mártires Rio-Grandenses.....	41
4.5.9 São João Batista.....	41
4.5.10 Santa Maria Goretti.....	41
4.5.11 São José.....	42
4.5.12 São João.....	42
4.5.13 Nossa Senhora Aparecida.....	42
4.5.14 São Manuel.....	43
4.6 Capelas de Faxinal do Soturno.....	43
4.6.1 Santos Anjos.....	43
4.6.2 São Valentim.....	43
4.6.3 Santo Isidoro	43
4.6.4 São Marcos Evangelista	43
4.6.5 São Pio de Pietrelcina.....	43

4.6.6 Guarda Mor.....	44
4.7 Capelas de Nova Palma.....	44
4.7.1 São Pedro	44
4.7.2 São Francisco.....	45
4.7.3 Cristo Redentor.....	46
4.7.4 São Valentim.....	46
4.7.5 São José.....	47
4.7.6 São Miguel.....	47
4.7.7 Santo Antonio do Gramado.....	48
4.7.8 Nossa Senhora da Salete.....	48
4.7.9 Santa Cruz.....	48
4.7.10 Santo Antônio.....	49
4.7.11 Santo Isidoro do Comércio.....	49
4.7.12 Bom Pastor – Sétima.....	49
4.8 Capelas de São João do Polêsine.....	51
4.8.1 São João do Polêsine.....	51
4.8.2 São Rafael.....	51
4.8.2 Três Vendas.....	51
4.9 Capelas do Vale Vêneto.....	51
4.9.1 São Patrício	51
4.9.2 Santa Ana.....	51
4.9.3 Nossa Senhora das Dores.....	51
4.9.4 São José.....	51
4.9.5 São Valentim.....	52
4.9.6 Nossa Senhora da Pompéia.....	52

4.9.7 São Pedro do Ribeirão.....	52
4.9.8 Santa Lúcia.....	52
4.9.9 São Rafael.....	52
4.9.10 Santo André.....	53
4.9.11 Nossa Senhora Aparecida (Santuário).....	53
4.9.12 Santa Terezinha.....	53
4.9.13 São Sebastião.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57

INTRODUÇÃO

“A fé como alicerce: levantamento dos templos religiosos da quarta colônia de imigração italiana” constitui-se na investigação do patrimônio material religioso deixado pelos antepassados italianos vindos para a região central do Estado do Rio Grande do Sul, em meados do século passado.

As várias levas de imigração italiana estão associadas às questões econômicas, sociais e políticas pela qual o continente europeu estava passando. Fatores como a fome, a miséria e o abandono dos setores públicos foram pontos decisivos para que o colono imigrante abandonasse a pátria mãe. Desta forma, não tendo mais alternativas, decidem migrar para a América, em busca de sobrevivência, deixando para trás, parentes, amigos e também a terra natal, trazendo consigo aquilo que lhes é fundamental nesse momento decisivo, a fé em Deus.

Aqui chegando, mesmo sem terem a assistência da Igreja – como esperavam –, os colonos tratam de organizar por conta própria a vida religiosa de suas comunidades. Instituem locais de devoção, fazem rezas coletivas e constroem capelas rústicas – que muitas vezes serão, no futuro, sede de capelas e paróquias melhor construídas. Portanto a forma material do legado religioso deixado pelos imigrantes ecoa até hoje nas gerações de descendentes italianos através da fé, devoção e ritos religiosos marcantes na região da Quarta Colônia.

Essa investigação surgiu da observação sobre a intensa religiosidade existente até hoje na Quarta Colônia de Imigração Italiana, mesmo após as várias transformações ocorridas em toda a sociedade, principalmente no que se refere à religião católica, mesmo assim a fé e os valores cristãos não sofreram alterações, continuam fazendo parte integrante do dia à dia da população local.

Portanto, o efeito da religiosidade trazida pelos antepassados pode ser percebido nas inúmeras capelas e igrejas existentes na região as quais são produções materiais do espírito religioso do povo italiano. Daí a importância de se buscar a preservação da história dos inúmeros templos que traduzem a devoção aos santos padroeiros e a fé contagiante dos imigrantes.

O projeto ora apresentado, além do levantamento histórico feito das igrejas e das capelas localizadas nos sete municípios integrantes da Quarta Colônia de Imigração Italiana, busca localizá-las geograficamente no mapa da região,

contribuindo para ampliar o número de pontos turísticos da região vinculados à religiosidade italiana.

Portanto tem como objeto de estudo documentos e opiniões de pessoas da comunidade e focaliza a expressão da religiosidade traduzida em algo concreto: os templos religiosos que são como memórias coletivas, preservadas de forma efetiva – e bastante afetiva, convém ressaltar – por toda a população da região.

CAPÍTULO I

A QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA

1.1 A Partida da Itália

A política de imigração brasileira, juntamente com o governo português de D. João VI, passou a incentivar um grande número de trabalhadores europeus. Isso pode ser visto nos estudos de MANFROI (2001.p.28) que diz ser o objetivo da imigração “dar novas condições ao desenvolvimento econômico, social e político ao Brasil, criar uma nova mentalidade na sociedade brasileira; onde a apatia econômica e a inércia social freavam a mudança”.

Percebe-se que a preocupação dos governos não era solucionar os problemas financeiros dos colonos italianos, como também não estavam preocupados com os problemas sociais que assolavam a Europa. Daí a insistência no incentivo à emigração. A esses, que quisessem se estabelecer no Brasil, era prometido todo tipo de assistência, desde a partida até a acomodação nos devidos lotes de terras. Conforme MANFROI (2001, p.28), em sua obra *A Colonização no Rio Grande do Sul* afirma que:

O transporte gratuito, a concessão de um lote rural e os instrumentos necessários para o trabalho, sementes, ajuda financeira durante os primeiros tempos, assistência médica, religiosa e outras vantagens o recrutamento dos imigrantes, na Europa, era feito através de agentes do governo que assinavam um contrato com todos aqueles que aceitassem as referidas proposições. Durante esse tempo, os agrônomos dividiam em lotes rurais as terras destinadas à colonização.

Essas propostas eram irrecusáveis por parte do colono, diante da alternativa de condição econômica e social que a “jovem Itália” oferecia aos italianos, no final do século XIX. Era o momento de trocar a penúria pelo trabalho livre, ser o dono da própria terra, enfim ser livre. Foi dentro desta propaganda de imigração que o italiano sentiu-se atraído e convenceu-se facilmente de que deveria, realmente, abandonar a terra natal e fazer fortuna na América. Segundo Pozzobon (1997, p. 40), “chegou o momento de vender os poucos pertences que a família Pozzobon

possuía debaixo do sol. (...) direi que tudo foi “torrado” por preço verdadeiramente irrisório”.

E assim o fizeram, pois para a viagem também lhes foi prometido todo tipo de conforto. Desta forma, os sentimentos se confundiam: tristeza e alegria, desilusão e esperança, rancor e afeto e, nesse confronto de sentimentos, tinham esperança de um dia voltar à terra natal para rever amigos e parentes. Assim o imigrante partiu do porto de Gênova, deixando para trás tudo aquilo que um dia lhe pertenceu, a terra natal.

No entanto a viagem confortável, com a assistência prometida, estava longe daquilo que o colono acabara de ver. A travessia do oceano e a maneira inadequada das acomodações precárias marcariam para sempre a vida do imigrante. Além disso, a maioria dos navios que transportavam os imigrantes não possuía serviços médicos e isto levou aqueles que estavam debilitados, na maioria das vezes, à morte. Todo esse descaso com o transporte dos imigrantes, que em média durava de 2 a 3 meses, conforme os estudos de MANFROI (2001, p. 87):

...durante a longa travessia do oceano, ao depauperamento físico dos passageiros, resultante do enjôo, vinham juntar-se doenças contagiosas, como o tifo, cólera, bubônica (trazidas pelos ratos), angina-pectoris e distúrbios pulmonares, como gripe, pneumonia, devidos à umidade, a famigerada pelagra (escorbuto) por falta de verduras e vitaminas C na alimentação. Não podia ser de outra forma, em barcos abarrotados, com promiscuidade de animais, bagagens, sem ventilação, onde proliferava toda sorte de imundícies (ratos, pulgas, piolhos, moscas e percevejos).

Nessas condições foi que o colono imigrante rompeu às fronteiras européias e chegou à região Sul do Brasil. O Rio Grande do Sul foi o Estado que abrigou a quarta leva de imigrantes italianos no final do século XIX. Referindo-se a essa mesma questão POZZOBON (1997, p. 51) diz que após dias de impaciente espera, receberam das autoridades de imigração todos os documentos e as instruções quanto à transferência para a colônia de Arroio Grande. Arroio Grande ficava próximo à cidade de Santa Maria da Boca do Monte, juntamente no centro da província.

A Quarta Colônia, localizada na região central do estado do Rio Grande do Sul, foi um dos locais em que o governo imperial de D. Pedro II determinou para alojar parte dos imigrantes italianos chegados ao Brasil, em 1878. As condições para

abrigar os imigrantes eram precárias, visto que “foram trazidos para promover a ocupação e a colonização destas terras.” (VÉSCIO, 2001, p.53).

1.2 A viagem

As transformações ocorridas no continente europeu, como o advento do capitalismo e da Revolução Industrial trouxeram como conseqüências a mecanização agrícola, o uso de uma mão-de-obra mais qualificada e, conseqüentemente, o desemprego. Além disso, o preço dos produtos agrícolas diminuía de ano a ano provocando uma baixa na produção. Desta forma “os produtos que eram a base da economia rural, como era o caso do trigo e do milho, tiveram seus preços rebaixados de forma alarmante ocasionando a diminuição na produção dos principais produtos agrícola.” (MANFROI, 2001, p.46). Daí surge à necessidade da imigração. A figura 1 mostra o meio marítimo de locomoção em que os imigrantes italianos vieram para a América, no início do século XIX.



Figura 1- Vapor marítimo que trouxe os imigrantes italianos para a América no início do século XIX.

Portanto todo este contexto dramático fez com que muitas famílias principalmente da classe camponesa fossem gradativamente “expulsas” do campo e formassem, nos grandes centros urbanos, uma grande massa de desempregados.

Toda essa conjuntura social europeia contribuiu para que o camponês fosse obrigado a abandonar sua pátria, a Itália, e partir em busca de alternativas de sobrevivência. Esta alternativa de sobrevivência não foi tentada somente no Brasil. Emigrava-se também para a América, camponeses da Suíça e França. Em outros países europeus a imigração era temporária e, quando muito durava uma estação (POZZOBON, 1997, p. 5).

No caso da imigração para o Brasil, os imigrantes foram estimulados pela propaganda do Governo Imperial brasileiro e pelo incentivo. O governo brasileiro comprometia-se em dar subsídios aos imigrantes que quisessem morar no Brasil. Entre os subsídios podem ser citados: transporte gratuito, concessão de um lote rural, instrumentos necessários para o trabalho, sementes, ajuda financeira, assistência médica e religiosa, entre outras. No entanto, a falta de organização e o imprevisto para acolher as famílias de imigrantes acabaram dificultando que esses benefícios fossem concedidos, inclusive provocando “numerosas doenças que atingiam, especialmente, as crianças e as pessoas de idade.” (MANFROI, 2001, p. 86).

Desta forma os imigrantes italianos partiram para a América e trocaram sua terra natal por um lugar totalmente desconhecido, mas que talvez pudesse, num futuro próximo, ser um lugar promissor.

1.3 A Ocupação

Emigrar. Essa foi a solução encontrada por muitas famílias italianas, no final do século XIX, para fugir da miséria e do abandono que estavam passando. Os imigrantes que chegaram ao Rio Grande do Sul, em meados do século XIX, quase todos eram do norte da Itália, provenientes da região do “Vêneto”. Eram em sua maioria colonos do meio rural. Vieram com a intenção de se tornarem proprietários de terras, cultivá-las e fazer fortuna, ou seja, fugir da vida difícil, que levavam. Em síntese buscavam o sonho de se tornarem independentes.

As razões da vinda para o Brasil foram várias, sendo principalmente por motivos sócio-econômicos, seguidos de razões políticas e pessoais. No entanto, as famílias “não tinham condições materiais, nem conhecimentos suficientes para se lançarem numa aventura tão importante.” (MANFROI, 2001, p. 81). O auxílio para

poderem emigrar veio das políticas de imigração patrocinadas pelos governos de países americanos – entre eles, o Estado imperial brasileiro. Esse auxílio consistia em, além dos lotes de terra financiados, “um machado, uma *fouce*, um facão e uma enxada, sementes de feijão, milho e batatas” (ZANINI, 2006, p. 109). Graças a essa contribuição, muitas famílias italianas vieram para o Brasil tentar uma vida melhor.

A grande maioria dos colonos italianos chegou ao Rio Grande do Sul após 1879, época em que o governo acabara de suspender toda ajuda aos imigrantes. Segundo descreve Manfroi (2001, p.95), essa atitude teve efeitos dramáticos na política de imigração, na vida do imigrante, principalmente, no que se refere à vida nos primeiros tempos.

...o imigrante italiano recebeu um lote por família, sempre na mata virgem, e que deveria ser pago ao governo no prazo de 5 a 10 anos. A concessão de uma ajuda pecuniária para a construção da casa, de instrumentos agrícolas, sementes e outros favores prometidos e indispensáveis nos primeiros anos foram praticamente desconhecidos pelos imigrantes italianos. A única ajuda que subsistiu, e que muito ajudou os colonos, foi o trabalho remunerado, 15 dias por mês, na construção de estradas e caminhos coloniais.

Esses caminhos que trilharam, foi ao mesmo tempo o que possibilitou também a sobrevivência do imigrante italiano, porque proporcionou o desenvolvimento da região que hoje é conhecida como Quarta Colônia e abrangem os municípios de Silveira Martins, Ivorá, Faxinal do Soturno, Dona Francisca, Nova Palma, São João do Polêsine, Agudo¹ e o distrito de Vale Vêneto.

A designação da região é uma das curiosidades dos que visitam a Quarta Colônia. A explicação é simples: essa foi a Quarta Colônia Imperial de Imigração Italiana, isto é, a quarta área de terras distribuídas para os italianos, no final do século passado, no Estado.

A Quarta Colônia foi criada, em 1877, e recebeu o nome de Silveira Martins em homenagem ao senador gaúcho Gaspar Silveira Martins, político que defendia a imigração. O local escolhido, distante dos demais núcleos de imigração italiana, era composto por terras devolutas situadas na região central, na Serra de São Martinho, que faz parte da Serra Geral.

¹ O município de Agudo, na época da imigração italiana (1878) não fazia parte da Quarta Colônia.

No Rio Grande do Sul, a chegada do contingente migratório teve início em 1875. Dois anos após, vieram para a região de Silveira Martins os primeiros italianos: 70 famílias. Assim, para Lorenzoni (*apud* POZZEBON, 2004, p. 3). “Com o passar do tempo e a chegada de novas famílias, foi preciso fundar novos núcleos dentro da colônia, como é o caso do Vale Vêneto”.

A persistência dos colonos para a instalação na região, apesar das dificuldades encontradas, sejam elas de ordem financeira ou de locomoção, foi um fator determinante na vida sofrida do colono. ZANINI (2006, p.110) comenta esta questão quando diz que o emigrante italiano, transformado em colono, derrubava a selva, abria clareiras e ali dava início às plantações, travando uma constante luta com a natureza. Essa persistência juntamente com a vontade de vencer os obstáculos pode ser percebida até hoje, através do apego à religião e à fé contagiante do imigrante italiano. Assim herdamos um legado de cultura e, porque não dizer, de crença religiosa também.

No ano de 1878, estabeleceram-se naquele lugar os primeiros imigrantes italianos. Eram 80 famílias, vindas de Vêneto, Itália. Daí o nome de Vale Vêneto. Os colonos recém chegados, profundamente religiosos, tomaram especial cuidado com a assistência religiosa, percebida até hoje em toda Quarta Colônia, principalmente, na região de Vale Vêneto que, desde seus primórdios, sempre esteve envolvida com a religiosidade.

BONFADA (1991, p. 34) mostra em seus estudos que, “a história de Vale Vêneto foi, sobretudo uma história de religiosidade e fé. Uma religiosidade e uma fé tão pujantes que não lhes deu tréguas até conseguirem um pastor estável para suas almas”. Todas as dificuldades encontradas nas colônias fizeram com que as famílias se aproximassem umas das outras. Dessa forma sentiam-se protegidas, já que, naquele momento, não tinham um sacerdote para confortá-los. Essa era uma das grandes e primordiais preocupações de todas as famílias que se instalaram na região da Quarta Colônia, mais precisamente em Vale Vêneto. A presença permanente de um sacerdote na localidade era vital, pois esse seria o responsável por suprir todas as necessidades espirituais daquela comunidade.

Localizado na região central do Estado, Vale Vêneto, atualmente um pequeno distrito de São João do Polêsine, possui uma população que, em sua maioria, é de origem italiana. Possui uma economia baseada, principalmente, na agricultura e no pequeno comércio que atende a comunidade local. O pequeno

distrito além das belas paisagens cercado de morros e cascatas d'água, destaca-se pela grande religiosidade. Essa característica pode ser percebida pela majestosa presença das construções locais como a Igreja Matriz, o Seminário Rainha dos Apóstolos e o Antigo Colégio das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Todos esses marcos servem de testemunho de uma vida inteira dedicada à fé e à devoção, da qual a população local tanto se orgulha.

A religiosidade marcante na comunidade de Vale Vêneto foi herdada dos antepassados oriundos da velha e querida Itália. Afinal, para o imigrante, partir para a América era sinônimo de “abandono definitivo da terra natal, de parentes e de todo quadro sócio-cultural e sentimental, tão familiar e tão importante para o italiano.” (MANFROI, 1997, p. 81).

A vivência dessa ruptura com a terra natal fez com que o imigrante tivesse a necessidade vital de um local sagrado, profundamente acolhedor, que os reconfortasse da experiência dolorosa de deixar suas aldeias. Esse local seria o espaço religioso e sagrado, apropriado para orações, principalmente se estivesse acompanhado por alguém que exercesse a profissão honrosa de sacerdote. Para o imigrante recém chegado à terra desconhecida, as rezas, os terços e as orações todas feitas coletivamente não eram suficiente para seu conforto espiritual. Isso pode ser observado nos estudos de PROBEST (1989, p.12), que mostra esta questão quando diz que “isso era insuficiente para um povo, para quem um domingo sem missa não era domingo, uma semana sem padre uma semana profana, uma morte sem assistência de um sacerdote uma morte não cristã.” Assim, a figura do padre vai se tornar indispensável para os italianos. Porém, como e onde conseguir alguém com esse perfil e que se dispusesse a vir para um lugar desprovido de todas as condições necessárias? Esse era um dos desafios enfrentados pelos imigrantes italianos quando chegaram à região da Quarta Colônia.

A região, totalmente desprovida de infra-estrutura, mesmo assim foi abrigando diversas levas de imigrantes e, segundo BONFADA (1991, p.14-15), foram assim distribuídas:

...a primeira leva de imigrantes chegou a Val de Buia, em 1877, e era composta por 70 famílias (...) No ano seguinte chegava um segundo comboio conduzindo setenta famílias (...). A terceira veio em abril de 1878 e era formada de 50 famílias. Um mês depois, chegou a quarta expedição humana, integrando um total de 120 famílias.

Todas essas famílias chegadas à região receberam das autoridades, responsáveis pela imigração, pouco auxílio daquilo que lhes foi prometido. Muitas vezes esses recursos demoravam muito tempo para chegar ao destino, causando deficiência no estoque de todo e qualquer mantimento necessário. Mesmo assim, através dos valores culturais, espirituais e também materiais trazidos por eles próprios, modificaram a economia, a política e também a sociedade da região.

CAPITULO II

A IGREJA CATÓLICA NA QUARTA COLÔNIA: A CHEGADA DOS PADRES PALOTINOS

Conseguir sacerdotes católicos para a região da Quarta Colônia foi um desafio enfrentado pelos imigrantes italianos desde a sua chegada. O local onde as famílias foram alojadas era de total isolamento e de difícil acesso, conforme descrevem os estudos de Manfroi (2001, p.78):

Isolados nos fundos da mata virgem do Rio Grande do Sul, parcamente apoiados pelo governo brasileiro e abandonados pelas autoridades italianas, sofreram todas as conseqüências desta transplantação que transtornara sua vida nos primeiros tempos de sua instalação.

Portanto, todo esse contexto de abandono e desamparo intensificou a religiosidade existente entre os colonos italianos. Assim, os imigrantes, recém chegados e perdidos no meio da mata, isolados de qualquer sociedade, fizeram da religião o elo de união entre eles. Ter um local sagrado, profundamente venerável e apropriado para suas orações tornou-se vital para eles, principalmente se fosse acompanhado por alguém que exercesse a profissão honrosa, alguém que se dedicasse aos interesses religiosos, em resumo, se fossem acompanhados pela presença permanente de um padre.

Apesar das dificuldades, os colonos não desanimaram. Numa ação conjunta lutaram para conseguir sacerdotes que atendessem as necessidades espirituais, pois, “a participação das celebrações litúrgicas, nos domingos e dias de festas, era uma obrigação moral, pois só o praticante era considerado pessoa de fé, digna da estima e aceito pelos demais.” (MANFROI, 2001, p.122). Porém todo o sofrimento, abandono e descaso vivido pelos imigrantes no interior da Quarta Colônia foram diminuídos a partir do momento da chegada dos sacerdotes que se dispuseram a vir para o Brasil. A figura 2 mostra um dos meios de locomoção usado para chegar à ex-colônia imperial. Na figura, a pessoa a cavalo é o padre João Iop.



Figura 2- Meio de locomoção utilizado pelos padres na região da Quarta Colônia.

Fonte: Bonfada (1991)

Eram oriundos da Itália os dois padres – Antônio Sório e Vítor Arnoffi – que vieram para atender a comunidade. Chegaram com a missão de suprir as necessidades de conforto espiritual do núcleo do Vale Vêneto e logo foram recebidos com muita alegria. Agora a comunidade podia comemorar. Todos tinham em comum o mesmo propósito: ter um responsável religioso para atender as necessidades básicas para o conforto espiritual e para ministrar todos os sacramentos. Além disso, seriam religiosos que permaneceriam no local por um bom período de tempo. VÉSCIO (2001, p.56) faz a descrição das circunstâncias que envolveram a vinda dos primeiros padres na região:

Vernier, após três anos, conseguiu dois padres que se dispuseram a vir ao extremo sul do Brasil. Um deles era Antônio Sório, que costumava dizer que seguira a carreira eclesiástica para agradar aos parentes' e, naquele momento, achava-se sem paróquia. O outro era Vittore Arnoffi, um franciscano capuchinho que havia fugido do convento, por sentir serem as regras muito duras, e que teve a sua situação eclesiástica regularizada somente aqui no Brasil.

Com a chegada dos padres ao Vale, a população de Silveira Martins, por ser a Sede da colônia e também carecia de sacerdotes, julgou um desperdício o Vale ficar com dois sacerdotes. Os moradores da Sede viram que a situação não seria favorável a eles, “uma vez que os registros de batismo, óbito, casamento, bem como a administração do cemitério passariam a ser feitos pelos padres no Vale, levando a perder os privilégios de sede da colônia” (VÉSCIO, 2001, p. 56). Diante disso, e não encontrando uma solução que atendesse com satisfação as duas localidades, a comunidade formou uma comissão para, em Porto Alegre, achar uma solução, junto ao bispo do Rio Grande do Sul, D. Sebastião Dias Laranjeira. Este, após muita discussão, acertou que “um padre permaneceria na sede e o outro iria para o Vale, ficando este subordinado ao primeiro. Sório escolheu ir para o Vale.” (VÉSCIO, 2001, p. 57).

2.1 A primeira missa no Vale

Após a difícil decisão, os padres estabeleceram-se conforme a orientação do Bispo. Foram festivamente recebidos com salva de palmas e por tiros disparados pela comunidade local, em sua homenagem. Desde logo, trataram de marcar a primeira e tão esperada missa que foi realizada no dia 20 de novembro de 1881 com a participação de toda a comunidade do Vale. À tarde, decidiu-se numa “reunião com os fabriqueiros², (...) estipular a maneira como sustentariam o padre, que logo ficou acertado que o dinheiro do povo provinha da venda de produtos coloniais e do trabalho de construção da estrada de ferro para Santa Maria.” (BONFADA, 1991, p. 27).

Desta forma, ocorreram as atividades sacerdotais no Vale. Conforme BONFADA (1991), o padre Sório passou a tratar dos trabalhos pastorais e celebração de missas, batizados, casamentos, atendimento aos doentes, catequese e demais atividades próprias do ministério sacerdotal.

Porém esse clima de alegria e de tranquilidade no Vale não demorou muito para ter fim. Após alguns anos de bom convívio e também de vários desentendimentos entre a comunidade e os padres, esta temia pela saída dos sacerdotes, o que acabou acontecendo após a morte misteriosa do padre Arnoffi,

² Membros da diretoria da igreja

“que durante a semana Santa sentiu-se mal e rezou sua última missa no dia em que era celebrada a Páscoa, vindo a falecer logo depois.” (BONFADA, 1991, p.29). Desta forma, os moradores do Vale novamente encontravam-se sem amparo espiritual. Portanto, após a morte deste, Sório fica sobrecarregado, tendo de atender também a sede da colônia. Porém, Antônio Sório não se adapta ao modelo e à rigidez do povo de Vale Vêneto. A insatisfação é geral devido ao comportamento liberal e atitudes indevidas para um sacerdote.

Assim Padre Sório acaba transferindo-se para Silveira Martins, onde parece se adequar melhor. Lá o pároco viveu e praticou seu ministério como também participou ativamente dos eventos sociais, jogando e bebendo com a população local. Diante dessa situação, a população do Vale novamente ficou sem sacerdote, e isso representava um problema grave para uma pequena população italiana e católica que se encontrava no Brasil. Mas os colonos não se deixaram abater, a comunidade não mediu esforços para conseguir novos sacerdotes. Segundo descreve VÉSCIO (2001), foi através de Antônio Vernier,

que já atuara na vinda dos dois primeiros sacerdotes, a comunidade do Vale volta a realizar contatos na Europa e até mesmo o papa é visitado. A Pia Sociedade das Missões acaba por receber o emissário Vernier, pois está interessado em realizar trabalho missionário no Brasil, e envia para o Rio Grande do Sul o Procurador da Pia Sociedade, padre Guilherme Whitmee, para conhecer o lugar. (VÉSCIO, 2001, p. 275).

Essa sociedade européia ficou encarregada de fazer trabalhos missionários no Brasil e, quando chegaram ao Rio Grande do Sul, encontram um clima acolhedor para sua missão, como também uma população extremamente religiosa. Os colonos passaram a apoiar todo tipo de atividade que os palotinos pretendiam desenvolver. Denominada de Pia Sociedade das Missões (P.S.M) ou Palotina por razões de seu fundador, Vicente Palotti, essa sociedade foi criada e desenvolvida na Itália, dentro dos preceitos e normas do Ultramontanismo, ou seja, “uma, orientação teológica e política recém consolidada em Roma, através do Concílio Vaticano I (1869-1870).” (BIASOLI, 2005 p.18). Esta era a orientação religiosa que regia a Igreja de Roma e era também a posição assumida pelo episcopado brasileiro, no final do século XIX, disposto a reformar a Igreja no Brasil.

Assim, esta foi a primeira congregação religiosa designada para se instalar entre os imigrantes da Quarta Colônia de Imigração Italiana, no Rio Grande do Sul.

Chegaram em 19 de julho de 1886 e, como escreveu Manfroi em relação aos religiosos que chegaram a outras colônias italianas da serra, “os padres tomaram a direção de várias paróquias das colônias italianas, mas sua ação centralizou-se sobre tudo na colônia Silveira Martins, onde sua obra foi remarcável.” (MANFROI, 2001, p. 136).

Os Palotinos escolheram, então, uma região no interior do Rio Grande do Sul, formada por camponeses, pois estes se achavam em situação distante dos apelos da modernidade, como o liberalismo e o socialismo. Dessa forma, os Palotinos poderiam semear ali novas vocações. A notícia da chegada dos padres à região do Vale deixou a população eufórica. Uns não acreditavam outros procuraram agradecer a Deus pela benção; enquanto outros procuravam dar a notícia o mais rápido possível a toda população. Assim a notícia espalhou-se rapidamente e “fez explodir um incêndio de esperança em todo o vale... seria a semente de uma vida nova, que bem logo desabrocharia naquela colônia italiana e arredores.” (BONFADA, 1991, p. 45).

A partir daí, todo trabalho e dedicação dos padres Palotinos muito contribuiu para o desenvolvimento econômico e cultural de toda a região da Quarta Colônia. Os primeiros padres chegados ao Vale foram: Guilherme Whitmee, José Bannin, Jacó Pfändler e Francisco Xavier Schuster que, conforme Bonfada (1991, p. 47), chegaram para atender os desejos espirituais da comunidade.

Vale lembrar que o número de sacerdotes existentes na Província, nesse período (1886), era reduzidíssimo, daí a preocupação da Igreja católica em estimular a vinda de padres do exterior. Portanto, o bispo D. Sebastião Dias Laranjeira via a possibilidade de sanar esse problema como também a “possibilidade de homogeneizar a ação pastoral e colocar párocos e fiéis no mesmo universo simbólico, conforme o ideário ultramontano, e combater a opinião pública popular anti-religiosa e antijesuítica que predominava na província.” (VÉSCIO, 2001, p. 277).

O Ultramontanismo também colaborou para o reforço do poder da Igreja na região, pois esta doutrina, criada no século XIX, reconhecia a figura do papa como a autoridade máxima da Igreja católica. Assim, segundo a avaliação de BIASOLI (2005, p.19), o ultramontanismo foi “uma operação de cunho francamente bélico-espiritual e hierarquicamente verticalizada”. O termo ultramontanismo referia-se aos “cristãos que buscavam a liderança de Roma (do outro lado da montanha) ou defendiam o ponto de vista dos papas ou davam apoio à política dos mesmos”.

Esse movimento foi lançado pela Igreja católica ao longo do século XIX e desejava legitimar, consolidar e estabelecer pontos cruciais na reestruturação do catolicismo. Reestruturação que vai ocorrer com a ação incansável dos sacerdotes palotinos na região, pois eles eram os representantes de um modelo de religião que, na Europa, a Igreja Católica estava empenhada em estabelecer e procurava expandir ultrapassando os limites europeus.

Portanto desde a chegada dos padres Palotinos à região do Vale, esses não mediram esforços para dar atendimento espiritual à população. Apesar das dificuldades encontradas com o deslocamento, falta de estradas, longas distâncias e exaustivas cavalgadas, não desanimaram e fizeram da religião o sustentáculo para a vida daquela comunidade. Segundo os estudos de Vécio (2001) os padres palotinos estavam conscientes do que a religião representava para os colonos e por isso escolheram a Quarta Colônia para afirmarem-se e depois ganharem e expandirem a religião no Brasil.

Com a tomada oficial da posse da Missão, que “ocorreu no dia após a sua chegada, festa de São Tiago, 25 de julho de 1886.” (PROBST, 1989, p.47), os palotinos logo deram início a sua longa e empreendedora tarefa do seu ministério. Também na ocasião foi assinado um contrato de compromisso entre padre e comunidade reciprocamente, e foi escolhido o local para a futura igreja: um local digno e sagrado para a realização dos sacramentos sacerdotais, tudo em prol de um povo tão persistente, religioso e temente a Deus.

2.2 A expansão dos Palotinos na região da ex-Quarta Colônia

Com o propósito de suprir a falta de sacerdotes na região, o que era uma das reivindicações antiga dos colonos italianos, a Congregação Palotina escolheu a região da Quarta Colônia para iniciar ali “as primeiras vocações brasileiras. O elemento humano era excelente, cheio de boa vontade e entusiasmo para construir uma igreja viva.” (BONFADA, 1991, p.48).

Foi nos núcleos de colonização italiana que os padres Palotinos encontraram um grande contingente humano, cheio de vontade e perseverança, capaz de edificar ali uma Igreja sólida. Logo no primeiro mês da presença dos Palotinos em Vale Vêneto deu-se início ao andamento da construção da igreja paroquial. BONFADA, (1991, p. 53) complementa esta questão quando diz que:

no dia 24 de janeiro de 1887, o bispo autorizou sua construção, e nos dias seguintes deu-se início à gigantesca empreitada (...) avançava lentamente. Além da escassez de recursos financeiros, não havia qualquer espécie de máquina. Rachar e extrair dos montes as pedras para os fundamentos, fabricar os tijolos, serrar as tábuas - tudo tinha de ser feito na base da força muscular.

Interessa, aqui, ressaltar que a ação dos Palotinos começou na região de Vale Vêneto, mas logo atuaram também nas imediações do Vale. Isso pode ser percebido nas regiões próximas ao Vale, como mostra os estudos de VÉSCIO (2001, p.279) quando diz que “a Pia Sociedade das Missões iniciou seu trabalho na 4ª Colônia, em 1886, e 14 anos depois, em 1900, já atendia a todos os núcleos de ex-Colônia Silveira Martins, assim como se infiltrava em outras regiões vizinhas”.

Para compreendermos a incansável missão dos padres Palotinos na região da Quarta Colônia é preciso observar as inúmeras dificuldades enfrentadas por eles. Vêscio (2001) diz que o desafio maior enfrentado pelos padres eram as grandes distâncias percorridas entre as densas florestas e infinitos campos sendo todo o deslocamento feito a cavalo, o que deixava a viagem ainda mais cansativa. Vêscio (*apud* BONFADA, 2001, p. 277). Além disso, a inexistência de estradas obrigava os padres a percorrer muitas vezes caminhos mais longos e de difícil acesso. Na época das chuvas, a situação piorava devido aos lamaçais, que o cavalo conseguia passar a muito custo (BONFADA, 1991.p. 271).

Apesar de toda dificuldade encontrada pelos Palotinos na região, eles não desanimaram, levaram adiante a idéia de colocar naquela região os alicerces da vida cristã segundo as normas da Igreja. Além da atuação marcante dos padres na região, para reforçar ainda mais a vida religiosa existente no Vale foi autorizado pelo bispo de Porto Alegre, Dom Sebastião Dias Laranjeira, em 30 de abril de 1887, a fundação de uma casa religiosa feminina. Assim, a primeira congregação feminina que viria para se instalar no Vale seria das irmãs do “Puríssimo Coração de Maria, posteriormente chamadas de Imaculado Coração de Maria.” (BONFADA, 1991, p. 60).

A atuação das irmãs na região de Vale Vêneto foi muito significativa, pois foi através delas que à vida religiosa feminina prosperou. O colégio Nossa Senhora de Lourdes, por exemplo, “nos primeiros tempos era um externato, abrigava somente

crianças do lugar. Com o passar do tempo passou a receber também alunos de outros lugares”. (*Rainha dos Apóstolos*, Ano VII. Maio de 1929). Além do grande estabelecimento educacional, as aulas eram ministradas conforme os princípios cristãos, além disso, o número de analfabetos era reduzido.

Desta forma a vida religiosa na região da Quarta Colônia prosperava. No ano de 1893, o plano do padre Vogel era de abrir uma casa de formação e como a casa paroquial era espaçosa já em 1893 recebia 15 alunos com o propósito de mais tarde edificar uma casa paroquial para isto. Porém, em razão de sua partida definitiva para a Europa esta não se realizou. Entretanto somente em 1922 em Vale Vêneto ocorreu o lançamento da pedra fundamental do “edifício (que ia denominar-se Collegio Regina Apostolorum), sendo a cerimônia presidida pelo P. Caetano Pagliuca, superior dos Palotinos.” (*Rainha dos Apóstolos*, Ano VII, p. 14, 1929). Assim a grandiosa obra ficaria pronta em 8 meses e

aos 11 de dezembro do mesmo anno o Reitor do novo collegio, P. Rafael Iop acompanhado pelos 25 alumnos da congregação , que vinham do Seminário de S. Leopoldo, tomou posse do edifício, fazendo a bênção como prescreve o ritual romano. Por decreto da S. Congr. Dos Religiosos em data de 13 de novembro de 1922, foi erigido canonicamente o Noviciado dos Pallotinos em Valle Vêneto (*Rainha dos Apóstolos*, 1929.p.14).

Desta forma a vida moral e religiosa da população local se evidenciava pela numerosa quantidade de fiéis nas missas, pelos costumes, crenças e demais ritos religiosos adquiridos com o tempo. Vale destacar também as inúmeras igrejas e capelas que foram por muito tempo, atendidas pela grandiosa atuação dos padres Palotinos. É dentro deste contexto religioso que Biasoli (2005, p.115) destaca a ação da Congregação, quando diz que:

A ação da Pia Sociedade das Missões, na região da Quarta Colônia, foi eficaz quanto à afirmação da ordem sócio-política (...). Com o advento da República, a Igreja brasileira acomodou-se às novas regras e, da mesma maneira, as suas congregações, mesmo nas áreas mais recônditas do interior do Rio Grande. Na paróquia de Santo Antônio, em Silveira Martins, padre Schwinn desdobrou-se nas práticas da Igreja ultramontana: centralizou o poder religioso, incentivou a criação de capelas e aumentou a distribuição dos sacramentos.

Nesse sentido é interessante perceber que a atuação dos Palotinos nos núcleos coloniais foi sustentada pela comunidade local e estes não se resumiam somente a trabalhos sacerdotais, como os casamentos, os batismos e funerais. Eles também se dedicavam a trabalhos como os benzimentos das igrejas, como foi o caso da igreja São João em Polêsine no ano de 1900, como também da capela de Dona Francisca (BIASOLI, 2005, p. 118). Assim, a atuação permanente da congregação Palotina permaneceu por muito tempo na região da Quarta Colônia, satisfazendo aos anseios e pedidos incansáveis dos imigrantes italianos.

Entre as benfeitorias dos padres palotinos na região, se destaca a igreja de Vale Vêneto, vista como “a igreja-mãe das muitas que depois haviam de segui-la”. Probst (*apud* BIASOLI, p.102). Portanto a partir da instalação definitiva dos palotinos na região do Vale, a Missão se estendeu para os outros núcleos próximos, edificando igrejas, capelas, capitéis, e levando a fé contagiante que se espalhou entre a população e que permanece entre a comunidade local até hoje.

CAPITULO III

AS PARÓQUIAS DA QUARTA COLÔNIA

A religião sempre foi um elemento cultural importante na vida do imigrante italiano. Foi ela que sempre marcou presença na vida intercalada de sofrimentos e alegrias do colono imigrante. Portanto a igreja era um local sagrado, adequado, indispensável na vida do italiano. Desta forma, após a longa e difícil chegada ao Vale entre as várias tarefas estava a construção de uma capela ou de uma igreja, para depositar os pedidos, as súplicas ou os agradecimentos pelas graças alcançadas.

Portanto, numa ação conjunta, todos participavam ativamente na construção dos templos, e isso, de certa forma, era motivo de muito orgulho e alegria para aqueles que participavam de tal façanha. Cabe ressaltar aqui a bela igreja matriz localizada na região central de Vale Vêneto, símbolo de fé, devoção e perseverança dos primeiros colonos chegados à região.

A majestosa e imponente igreja encravada entre os morros, parece observar com “olhos atentos” as mudanças nos hábitos, costumes e nas crenças, pois uma parcela da população local, hoje se baseia unicamente da agricultura e a outra se dedica ao comércio, visto que este último sustenta em parte a pequena localidade. Boa parte da população jovem da localidade abandonou essas práticas em busca de novas oportunidades nos grandes centros. Isso para o padre Claudino Magro acontece porque “o povo de hoje não é o mesmo de anos atrás e que sua piedade religiosa diminuiu bastante. As causas no dizer destas pessoas, são as muitas festas profanas, como a do “galeto” e dos motoqueiros” (*O santuário*, ano VII – N. 8, p. 74).

A Igreja Matriz de Corpus Christi foi criada em 24 de abril de 1911, tendo como primeiro pároco Roberto Kuklok, que edificou a igreja atual. A pedra fundamental da igreja foi lançada pelo padre Faá di Bruno, onde antigamente era a ferraria do senhor Rorato, porém depois foi construída em terreno doado por Bortoluzzi, onde permanece até hoje.

Além dos prédios antigos existentes na cidade, é interessante visitar a Igreja Matriz, com sua torre em formato de cálice com uma hóstia na parte superior. Ela

abriga, no teto, as pinturas do italiano Ângelo Lazzarini, baseadas em temas bíblicos.

A Igreja Matriz recebeu doações de pessoas importantes, como Ana Giorgia Stackpool. No ato das doações, disse ela, que era promessa e que só doaria para Igreja do Santíssimo Sacramento. Além da grande quantidade em dinheiro, também foi doado um grande sino, e todos os paramentos e alfaias para a igreja. Foi à condessa que determinou as dimensões da Igreja, como também o seu padroeiro “Corpo de Deus”.

3.1 igreja matriz de Vale Vêneto

A igreja matriz de Vale Vêneto teve sua construção iniciada no ano de 1886. Inicialmente, a primeira devoção trazida pelos imigrantes era a de São Francisco. Depois de 21 anos passa a ser inaugurada solenemente com um novo padroeiro Corpus Christi. Foi consagrada a Corpus Christi devido à promessa da Condessa Giaorgia Maria Augusta, Condessa de Stacpool da Inglaterra. Para tanto, ela ofertou à Igreja 3 mil libras, três sinos, tabernáculo, castiçais e inúmeras alfaias para as funções religiosas. A figura 3 mostra a vista panorâmica da fachada frontal da Paróquia Corpus Christi de Vale Vêneto.



Figura 3 - Vista da fachada frontal da igreja Matriz Corpus Christi de Vale Vêneto-município de São João do Polêsine-RS.

Fonte: Foto da autora / outubro de 2008

“Corpus Christi” como foi denominada, a igreja de Vale Vêneto foi obra memorável, logo nos primeiros meses de atuação dos padres palotinos na região. BONFADA (1991. p. 53) descreve como se deu o processo:

“no dia 24 de janeiro de 1887, o bispo autorizou sua construção e nos dias seguintes deu-se início à gigantesca empreitada. Nunca um empreendimento naquela comunidade começara com auspícios tão positivos. No entanto, avançava lentamente. Além da escassez de recursos financeiros, não havia qualquer espécie de máquina. Rachar e extrair dos montes as pedras para os fundamentos, fabricar tijolos, serrar as tábuas – tudo tinha de ser feito na base da força muscular. E depois transportado com a zorra (“slita”), que era um tronco bifurcado, arrastado a burro.”

A igreja assim como o padre são figuras importantes dentro do contexto da imigração italiana. O padre exerce diretamente uma forte autoridade sobre o grupo. Para as providências principais juntos às autoridades civis é o agente de mais força. Além da assistência espiritual a uma população intensamente religiosa, o padre é o condutor da ordem, moralidade e estabilidade para os colonos.

3.2 Vale Vêneto: a escolha do nome

O nome do lugar, onde hoje está localizado o município de Vale Vêneto foi motivo de muitos desentendimentos entre a população local da época. Muitas foram as sugestões, idéias e desacordos até que se chegasse a um consenso: Vale Vêneto, este foi o nome!

Nos primórdios da formação dos núcleos coloniais, a população pensou denominá-la de “Buraco”, já que este se encontrava em meio “de paredões rochosos por três lados, com uma estreita saída para o nascente e outra maior para o sul. Ali nasceu um nome: Buraco conforme BONFADA (2001). Assim por vários anos, esse nome prevaleceu, porém mais tarde, em função das famílias que ali chegavam, principalmente, a família Bortoluzzi e de sua relativa importância, o nome foi mudado para “Vale dos Bortoluzzi”. Muitos não concordavam, afinal nem todos os moradores da localidade chamavam-se Bortoluzzi. Novamente, houve discussão em torno do nome. Cada morador, naturalmente procurava fazer prevalecer o nome de seu lugar de origem.

Um exemplo disso aparece nos estudos de Bonfada (2001, p. 21), quando ele diz que os “ trevisanos gostariam que se chamasse Novo Treviso, os Furlans

queriam Nova Údine, outros Nova Treviso”. No entanto não faltaram aqueles que, para enaltecer o nome do pároco, que poderia chamar-se então Val Sório. Diante de tantos nomes e discussões e nenhum consenso por parte da população, foi o padre Sório que sugeriu: “pessoal, somos todos do Vêneto. Porque não dar a este lugar o nome de Vêneto?” (BONFADA, 2001, p. 21) E por estar situado em um vale sugeriu que se chamasse Vale Vêneto³.

Vale Vêneto iniciou sua vida social muito timidamente. Porém, com o passar do tempo, através dos empréstimos e das frequentes trocas de ferramentas e utensílios domésticos, iniciaram as amizades entre os grupos. Segundo os estudos do historiador Bonfada (2001. p.22), “havia os locais de trabalho, onde os homens se encontravam abrindo estradas. Foi ali que se teceram os primeiros laços de amizade, que se foi criando maior aproximação.”

Dessa forma o Vale se desenvolveu. Hoje Vale Vêneto possui “uma população de 550 habitantes, a maioria descendente de imigrantes italianos. Sua economia está baseada, principalmente, na agricultura e no pequeno comércio que atende a demanda local.” (POZZEBON, 2004, p.3).

Além das inúmeras capelas e capitéis, a bela igreja matriz se destaca entre a paisagem, ocupando o centro da praça, sendo motivo de orgulho para a população local. Também merece destaque o ritual da Via Sacra que “narra” os últimos momentos da vida de Cristo até chegar ao calvário e ser crucificado. Todo esse aparato religioso das festas, missas, procissões, que se mescla com a fé da população, é um legado herdado dos antepassados. Preservar esse tempo tornou-se um compromisso, uma atividade cotidiana na vida da população local.

3.3 Igreja Matriz de Silveira Martins

Em Silveira Martins, assim como em outras localidades da Quarta Colônia, a religiosidade também é presença marcante na comunidade. Os primeiros imigrantes italianos eram muitos religiosos. Desde a sua chegada à nova “terra” a preocupação maior era o local para as orações, seguida pela presença de um sacerdote. A figura 4 mostra a igreja matriz, marca da religiosidade do povo italiano.

³Localizado na região nordeste da Itália



Figura 4 - Vista da fachada da igreja Matriz Santo Antônio de Pádua de Silveira Martins-RS.
Fonte: Foto da autora / outubro de 2008

Portanto, é marcante “a primeira missa rezada em Silveira Martins (...) em maio de 1878 (...) pois pela falta de sacerdote na região, coube ao padre de Santa Maria, José Marcelino de Souza Bittencourt, celebrar a missa.” (*O Santuário*, Ano VII-N 8 p. 41, Agosto/85). Após muitos pedidos e insistência para que alguém assumisse as funções sacerdotais, em novembro de 1881, para a alegria dos colonos, o sacerdote Vitor Arnoffi veio para trabalhar e residir em Silveira Martins.

Segundo a Lei Provincial do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, no dia 24 de abril de 1884 foi criada a Paróquia Santo Antônio na cidade de Silveira Martins. O campanário da Igreja foi inspirado na torre da igreja de Caorle, na Itália. Hoje a Igreja matriz de Silveira Martins é um verdadeiro “cartão postal” da cidade. Localizada na região central, a igreja registra a presença marcante da religiosidade católica entre a comunidade.

Entre as devoções dos silveirenses ainda está à devoção de “Mariana do Povo”, que é um conjunto de edificações religiosas muito visitadas ao longo do ano pelos fiéis. Para exemplificar podemos citar: a antiga capela do Rosário (visitada em procissão no dia 7 de outubro), o Santuário de Nossa Senhora da Saúde (localizada na Linha 4 – tradicionalmente a festa ocorre no mês de novembro) e a Capela Nossa Senhora da Pompéia localizada próxima à sede da Paróquia.

3.4. Igreja Matriz de Arroio Grande

A igreja matriz de Arroio Grande “São Pedro Apóstolo” foi construída em 11 de fevereiro de 1919 (CPGNP). A figura 5 mostra a igreja matriz, presença marcante da religiosidade na região.



Figura 5 - Igreja Matriz São Pedro Apóstolo – município de Santa Maria-RS/distrito de Arroio Grande.
Fonte: Foto da autora / outubro de 2008

3.5 Igreja Matriz de Ivorá

A paróquia de Ivorá foi construída em razão da primeira capela dedicada a São José tornar-se pequena. Numa ação conjunta entre o padre e a comunidade, foi lançada a pedra fundamental em 15 de novembro de 1893. A nova igreja de material tinha 25 metros de comprimento, 12 de largura e 10 de altura. Foi solenemente benta pelo Pe. Valentin Rumpel, aos 12 de setembro de 1899. (BELIINASO; MARCON, 1993, p.20). A figura 6 mostra a igreja matriz, marca da fé e devoção do italiano.



Figura 6 - Igreja Matriz da Paróquia São José – Ivorá-RS.

Fonte: Foto da autora / outubro de 2008

3.6 Igreja Matriz de Nova Palma

A Igreja matriz de Nova Palma foi criada em 11/02/1919 e foi projetada pelo arquiteto Vitorino Zarani. O templo possui pinturas com imagens religiosas no teto e paredes pintadas por Ângelo Lazarini, em 1954. A figura 7 mostra a belíssima igreja, presença marcante da religiosidade católica na região.

Num relato de 1914, consta que no interior da igreja havia “três altares, três estátuas, um confessionário, vários bancos, uma pia baptismal, duas pias de água benta, um baldequim, duas bandeiras, um armarinho, dois crucifixos grandes e dois pequenos, vinte e oito cadeiras” (*Arquivo Histórico da Província Nossa Senhora Conquistadora* 1914). A paróquia teve como primeiro pároco o Padre Francisco Burmann, que aprofundou a vida religiosa e promoveu as vocações sacerdotais e religiosas, fazendo com que Nova Palma se destacasse entre outras paróquias da região, pelo número de sacerdotes e religiosas (45 padres e 143 irmãs). Entre as características marcantes da religiosidade dos imigrantes na região está a construção dos 35 capitéis construídos pelos próprios imigrantes, que hoje servem de testemunho da crença religiosa do povo italiano. Foi restaurado na campanha do centenário da colonização.



Figura 7 – Vista frontal da fachada da Igreja Matriz Santíssima Trindade – Nova Palma-RS.

Fonte: Foto da autora / outubro de 2008

3.7 Igreja Matriz de Faxinal do Soturno

A Paróquia do município de Faxinal do Soturno, construída em 15/08/1939, é uma das igrejas mais espaçosas e artísticas da Diocese. Os sinos da igreja foram trazidos da Alemanha, encomendados pelo padre Rafael Iop. A figura 8 mostra a beleza e a grandiosa obra da fé e devoção do povo italiano. A festa em homenagem ao padroeiro da cidade São Roque teve início no dia 30 de junho de 1901, e, a partir daí, esta festividade tem se repetido todos os anos.



Figura 8 – Igreja Matriz São Roque – Faxinal do Soturno-RS.

Fonte: Foto da autora / outubro de 2008

3.8 Igreja Matriz de Dona Francisca

A paróquia São José de Dona Francisca se originou da antiga capela dedicada a São José, que foi construída em 1892. Atualmente no mesmo espaço encontra-se a “Paróquia São José que foi construída em 11 de fevereiro 1919, tendo como primeiro pároco Pe. Francisco Burmann, palotino alemão, que aprofundou a vida religiosa do lugar e promoveu as vocações sacerdotais religiosas”. (*O Santuário*. Ano VIII-Nº8, Agosto/85). A figura 9 mostra a Igreja matriz São José de Dona Francisca, mais um exemplo da fé e devoção católica na região.



Figura 9 – Igreja Matriz São José – Dona Francisca-RS.

Fonte: Foto da autora / outubro de 2008

3.9 Igreja Matriz de São João do Polêsine.

Na localidade de São João do Polêsine, a primeira Capela a ser construída foi feita em madeira no dia 18 de janeiro de 1900 e teve atendimento por parte dos padres de Vale Vêneto. O terreno para a construção da igreja teve a doação do Tenente-Coronel Manuel Py e sua esposa Dona Maria da Glória Py. Como a primeira Capela foi feita em madeira e de pequenas dimensões, os colonos decidiram pela construção de uma outra Capela maior e de alvenaria que atendesse às necessidades locais. Entretanto em 3 de maio de 1920, foi autorizada pelo Bispo Diocesano o início da construção da nova Igreja, hoje Matriz. A figura 10 mostra a igreja São João Batista na cidade de São João do Polêsine.



Figura 10 – Igreja Matriz São João Batista – São João do Polêsine-RS.

Fonte: Foto da autora / outubro de 2008

CAPÍTULO IV

AS CAPELAS DA QUARTA COLÔNIA

Nos primeiros tempos da colonização, em vez das paróquias eram as capelas o foco da vida comunal. Nas capelas eram realizadas as missas, as confissões e as consultas ao padre. Também era o lugar da realização dos batizados, dos casamentos, dos funerais, das procissões, dos entendimentos com as autoridades e dos acordos de negócios. Portanto as capelas não eram somente o lugar e o símbolo da religiosidade. Elas também eram um espaço de vida social das comunidades. Ali eram realizadas as reuniões, as famílias se encontravam e reencontravam, para viver e reviver os costumes trazidos da Itália.

Em Vale Vêneto, por exemplo, escolheram o local para que fosse construída a primeira capela e, futuramente, foi ali também que construíram a igreja, uma casa mais digna de Deus. Segundo o historiador Genésio Bonfada, o lugar escolhido para a capela ficou a “70 metros acima da igreja atual, na estrada que leva a Silveira Martins. Teria ela a fachada dirigida para o nascente.” (1991, p. 23).

Foi a partir das primeiras capelas de madeira que a vida religiosa se desenvolveu, impulsionando também a vida social. Vizinha à capela surgia uma escolinha de madeira e delimitava-se uma área próxima para o cemitério. Dentro em pouco, surgia também o armazém, a cantina e um local para o fabrico do vinho. Dada à significação preponderante da vida religiosa, a capela assume cedo um papel aglutinador. A capela reúne os moradores e, com o tempo, vai modificando a estrutura física do lugar e transformando-o em vila e até mesmo em cidade. A figura 11 traz o esboço cartográfico da área de estudo e busca situar os templos católicos pesquisados.

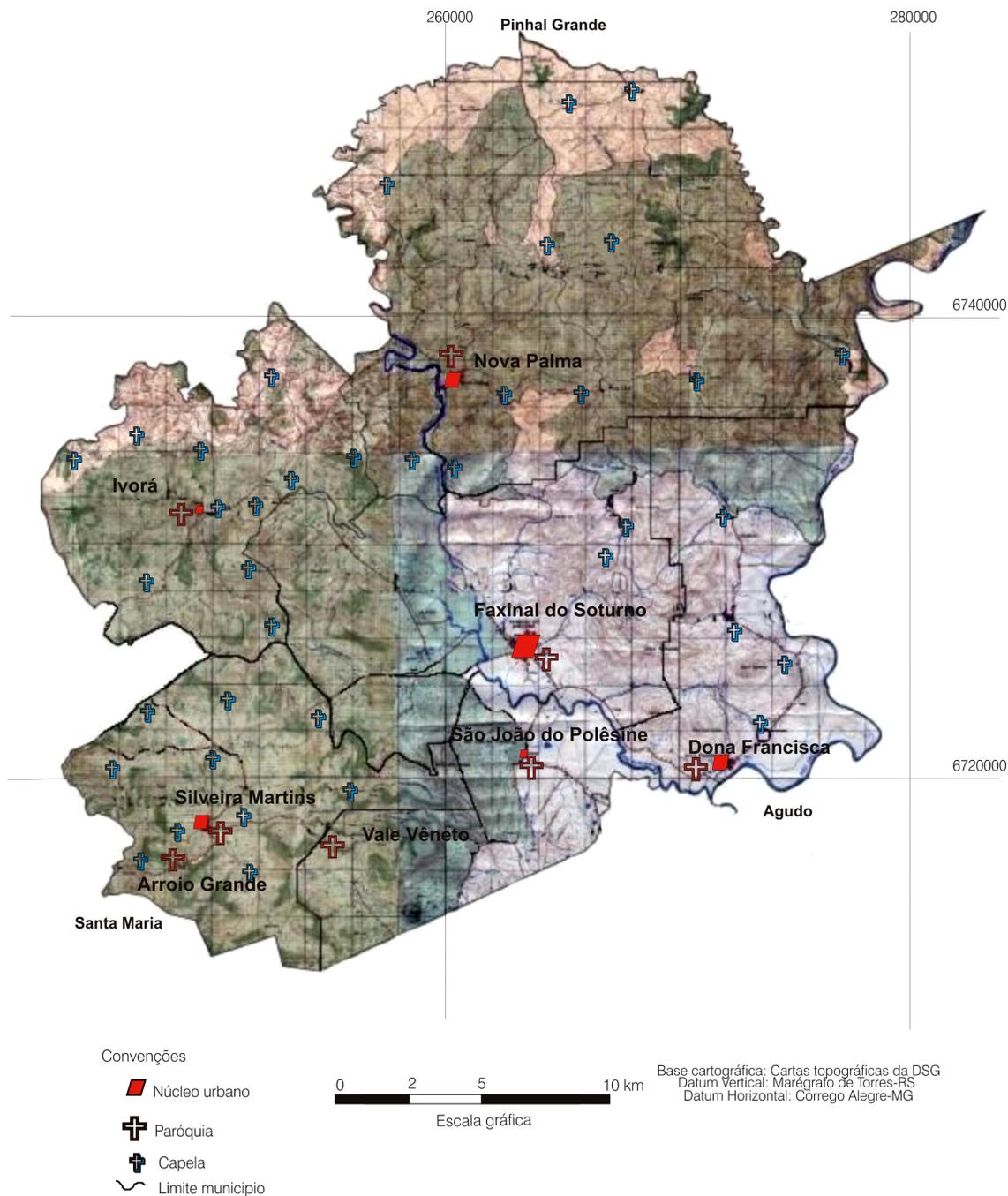


Figura 11 – Esboço cartográfico da área de estudo situando os templos católicos pesquisados.

4.1 Capelas de Arroio Grande

4.1.1 Santuário Nossa Senhora do Rosário

Criado em 1884, está situado na localidade de Arroio do Meio, distante dois quilômetros da Matriz. Devoto de Nossa Senhora do Rosário, o imigrante italiano

Pedro Serafim, juntamente com sua família, chegou a esta colônia em março de 1883. Muito religioso trouxe o quadro da imagem da Santa e passou a reunir os vizinhos, aos domingos, para rezar o terço. Mais tarde foi trazida por outros imigrantes a estátua da Santa que permanece no local até hoje. Os primeiros padres a atenderem Arroio Grande foram os sacerdotes Vítor Arnoffi e Antônio Sório. Contam que o padre Vitório Arnoffi, em 1883, não só visitou as famílias do lugar como também rezou missa na casa de Pedro Serafim. Em 1891, veio da Itália, da Província de Údine, o Pe. Francisco Comoretto, que fixou residência em Arroio Grande e atendeu a comunidade até sua morte datada em 10 de maio de 1896, como coadjuntor de Silveira Martins (CPGNP).

4.1.2 São Marcos

Não foram encontrados documentos, apenas que essa capela foi inaugurada em 1894.

4.1.3 São Valentim

Não tendo encontrado documentação a respeito da capela, foi realizada uma entrevista com a descendente de italianos, Joana Tereza Colpo, 88 anos de idade, residente na localidade de São Marcos. Segundo ela “a capela São Valentim foi feita de madeira e em forma de mutirão pela população local da época e que o terreno foi doado”, não recordando o nome do doador.

4.1.4 São José

Situada na localidade de Arroio Lobato, esta capela teve o terreno doado pelo casal Eugenio e Maria Stangherlin com uma metragem de 45 metros de frente por 15 metros de fundo (CPGNP).

4.1.5 Nossa Senhora da Saúde

Localiza-se em Val Veronês. Segundo consta nos documentos do Centro de Pesquisas Genealógica de Nova Palma (CPGNP), esta capela foi construída em forma de mutirão pela população local. Possui a metragem interna de 20m por 7,5m.

4.1.6 Santo Antônio

Está situada na localidade de Invernadinha. Segundo as informações da senhora Joana Tereza Colpo “quem construiu esta capela foi o senhor Foliarini.” Lembra ela que, durante as missas realizadas nesta capela, a família Minelo cantava música religiosa, onde todos ficavam emocionados. A capela levou este nome devido à devoção ao santo.

4.1.7 Santo Antônio da Palma

Não foi encontrado documentação a respeito desta capela.

4.1.8 Santo Antônio da Figueira

Segundo as palavras da senhora Joana Tereza Colpo “quem construiu esta capela foi a família Figueira. Provavelmente o terreno tenha sido doado pelo senhor Figueira e sua esposa Isa. Esse casal veio da Itália com seus avós José e Páscoa Cauduro, esses, tiveram cinco filhos. Antigamente tinha missa três vezes por mês” relatou a senhora Joana.

4.1.9 Comunidade São Francisco

Não foi encontrada documentação a respeito desta capela.

4.2 Capelas de Silveira Martins

4.2.1 São Roque

Localiza-se na Linha Seis Sul no município de Silveira Martins. Segundo consta no livro de Atas da Diocese de Santa Maria, com data de “13 de XII de 1944”

e texto manuscrito pelo padre Benjamim esta “capela foi feita pelo ano de 1880, segundo informação de um morador do lugar na época”. Não consta como se deu a aquisição do terreno e nem por quem. Mas, relata que a capela foi feita de material e que com o passar do tempo foi mudado o telhado de tabuinhas para telhas. Consta que anos mais tarde foi feito um salão para as festas e também foi construída uma torre feita em madeira e um sino.

4.2.2 Nossa Senhora das Graças

Conforme o Livro Atas da Paróquia de Silveira Martins, “em 1879 uma epidemia dizimou as crianças. Então as mães se reuniram e fizeram a promessa a Nossa Senhora das Graças de elevar um capitel, se ela lhes concedesse a graça de findar com a morte das crianças. Assim ergueram o oratório de madeira na encruzilhada. Em 1924 foi demolido este oratório e construído, ao lado a atual capela que mede 6m X 3m. Em 1941 foi feita a sacristia e em 1942 um pavilhão galpão de 9mX3m com cozinha para festas”. O terreno onde está edificada tem 25 de frente por 20 metros de fundos e esta escriturada à mitra como se lê no registro de imóveis do Estado do Rio Grande do Sul, município de Santa Maria a fls.41 do livro nº 3-C, sob nº 3.152, feita no dia 25 de fevereiro de 1933”. (Livro Atas – Diocese de Santa Maria, 13 de dezembro de 1944, reg. Livro III. Folha 143.) Localiza-se na Linha Seis Sul no município de Silveira Martins. Segundo consta no livro de Atas da Diocese de Santa Maria, com data de “13 de XII de 1944”

4.2.3 Nossa Senhora da Pompéia

Esta capela foi construída em 1909. Projetada pelo padre Schwinn na forma octogonal. Sua origem decorreu em função da cura da doença do senhor Vicente Guerra, que em homenagem à Nossa Senhora a fez construir (CPGNP).

4.2.4 Nossa Senhora do Rosário (Santuário)

De acordo com o Livro Atas da paróquia de Santo Antônio de Pádua de Silveira Martins, “esta capela foi construída de madeira, no ano de 1880 ou 1881. É, portanto, a mais antiga da Paróquia. Em 1890 mais ou menos foi construída a capela de material e só em 1920 foi coberta de telhas. O terreno onde está construída mede 45m de frente por 15 m de fundo, como consta na declaração feita

em 1911 aos 23 de setembro por Eugênio Stangherlin e sua mulher e escriturada na mesma data.” Atualmente a capela é visitada todos os dias 7 de outubro por uma procissão.

4.2.5 Santa Inês

Segundo consta no livro Atas datada de 13 de dezembro de 1944, registro Livro III, folha 143, da capela Santa Inês, da localidade de Silveira Martins, “esta capela está situada na Linha Dois Norte, foi iniciada em 1931 e terminada em 1932”. No mesmo documento consta que “em 1878 ali se instalaram as primeiras famílias. Em 1881 construíram um oratório de madeira, desaparecido pelo ano de 1920, chamado de Santo Sepulcro. No mesmo ano (1881), construíram outro oratório de madeira. Ambos oratórios tinham cemitério, porém foram ambos fechados e transladados os mortos para o cemitério de Silveira Martins e no de Santa Inês. A capela construída em alvenaria é apropriada e tem cemitério ao lado, porém não é da Mitra. O terreno onde está construída a capela mede 80m de frente por 50m de fundo e foi escriturado a Mitra Diocesana de Santa Maria, conforme se vê no livro de registro de Imóveis do Estado do Rio Grande do Sul, município de Santa Maria, folha 69 do livro nº 3-B, no dia 23 de julho de 1931. Durante o ano de 1945, até a data presente, a capela foi visitada 4 vezes”.

4.2.6 Sagrados Corações de Jesus e Maria

Localizada na Linha Base. Segundo o Livro Atas consta que “os primeiros moradores que entraram nesta Linha Base foi em 1879. A primeira missa que foi rezada na Linha foi pelo Pe. Arnoff, no cemitério, em 1884. A capela foi construída em 1888 e inaugurada no mesmo ano na festa do Sagrado corações de Jesus. Em 1897 foi feito o muro em redor do cemitério que existe desde 1881 e pertence à Mitra Diocesana.

4.2.7 Nossa Senhora da Saúde

Localizada em Val Veronês - Linha Quatro. Segundo documentos do Centro de Pesquisas Genealógica de Nova Palma (CPGNP), esta capela foi construída em forma de mutirão pela população local. Possui a metragem interna de 20m por 7.5m, em estilo Romano.

4.2.8 Nossa Senhora do Monte Bérico

Segundo consta nos documentos do Centro de Pesquisa Genealógica de Nova Palma (CPGNP) datado de 16 de julho de 1907 a “declaração do casal Domingos Stovhero e s/ Libera Gentilini, renunciando para sempre ao uso e administração do LOTE, com casa, em Val Veronêz, cfr. Ao L: Estrada Geral – Ao s: Igreja N^a S^a de Monte Bérico – Ao O: com Antônio Venturini – Ao N: Pietro Mastella, e, cedendo-o com a casa à Igreja Católica de N^a S^a de M. Bérico de V. Veronês, para servirem sempre para a Escola católica. Irrevogavelmente o cedemos com a benfeitoria ao Vigário Católico, apostólico, Romano de S. Martins, e aos fabriqueiros da sobrexita capela. Assinado Stochero Domenico – Libera Gentilini – Pagliarini Eustachio – Achilles Martel e Valentin Zancan PSM. A Torre de alvenaria da Capela, desenhada pelo Lapitz – foi erguida com a ajuda de mutirão pelos pedreiros: Afonso Bortoluzzi e José Londero. (Sala de cronologia, caixa de Silveira Martins).

4.2.9 São Luiz Gonzaga

Situada na Vila Catani, esta capela foi inaugurada no dia 27 de fevereiro de 2005. “Após dois anos de trabalhos intensos e corajosos, coordenados por um grupo de pessoas, o sonho se tornou realidade. A capela é moderna a atrai a atenção de todos. A comunidade colaborou intensamente para a obra, desde a doação do terreno, ofertas em dinheiro, material de construção e dias de serviço. No mesmo dia, após a benção por parte do Monsenhor Atayde Pedro Busanello, o mesmo deu posse aos novos conselheiros da Paróquia e da comunidade”. (*Livro de Registro de Tombo*. Paróquia de Santo Antônio de Pádua – Silveira Martins).

4.3 – Capelas de Dona Francisca

4.3.1 São Valentim

Situada na localidade de Sanga Funda, esta capela foi construída pela paróquia de Nova Palma em 1964 (CPGNP).

4.3.2 São Vicente Palloti

Situada na localidade Trombudo. Não foi encontrada documentação a respeito desta capela.

4.3.3 Nossa Senhora Imaculada Conceição

Situada na localidade de Formoso. Não foi encontrada documentação a respeito desta capela.

4.3.4 Nossa Senhora da Saúde

Localizada na linha D'ambrósio. Não foi encontrada documentação a respeito desta capela.

4.4 Capelas de Novo Treviso

4.4.1 São Marcos Evangelista

Hoje Igreja Matriz. A primeira capela a ser construída, feita em madeira, em Novo Treviso data de 1886 em honra a São Marcos. A segunda teve a pedra fundamental benzida em 2 de fevereiro de 1895, pelo padre Pedro Wimmer. (Probst, Carlos. História da Província da Pia Sociedade das Missões). (PSM – Palotinos. Londrina/PR. 1989). “Nesta capela foi batizado Luiz Marcelino (Pe. Sponchiado – reside, hoje em Nova Palma) dia 26 de fevereiro de 1922, filho de Silvino Sponchiado e Corina de Marco, sendo padrinhos: Agostinho de Moro e Amabile Sponchiado.” Este nasceu em 22 de fevereiro de 1922 em Novo Treviso (Sala de cronologia 26/02/1922 – caixa de Novo Treviso).

4.5 Capelas de Ivorá

4.5.1 Divino Espírito Santo

Esta capela é a mais antiga da paróquia, construída em 1887 pelas primeiras famílias que se estabeleceram na região de Linha Um. Por ser de tamanho pequeno e estar num lugar de difícil acesso, resolveu-se de comum acordo entre vigário e comunidade, transferir a Capela para onde funcionava a escola, a margem esquerda do rio Melo, local central de Linha Um. Portanto no mês de agosto de 1956, foi feito um aumento no prédio da escola, instalando-se ali a Capela. Posteriormente esta passou a funcionar anexada ao prédio do centro comunitário, onde também funciona

a escola e o salão de festas. A inauguração de todo complexo deu-se em 4 de setembro de 1976.

4.5.2 São Miguel

Situada na localidade de Barreiro. A Capela foi construída toda em pedra de cantaria. Este material existia próximo do local. A capela foi construída com 15m de comprimento, 7 m de largura e 5,5m de altura. Em 29 de setembro de 1922, foi benta e teve sua inauguração, com grande assistência de fiéis.

4.5.2 Santo Isidoro

Situada na localidade de Sítio dos Mellos-Sítio baixo. A Capela de Santo Isidoro leva este nome devido o Santo ser protetor dos agricultores. A capela possui 25m de comprimento, 10m de largura e 10 m de altura. A capela foi inaugurada solenemente pelo Vigário da paróquia. Esta possui todos os artefatos necessários para o culto divino: Um belo altar de autoria do senhor Henrique Rudiger e três imagens de Santos: Santo Isidoro, Sagrado Coração de Jesus e o de Nossa Senhora das Graças. No ano de 1952, foi construída, ao lado da capela uma torre. A construção desta deve-se ao senhor Eugênio Baldissera e filhos. A planta foi elaborada pelo engenheiro Dr. Wilson Aita. A altura da torre é de 27 metros e foi inaugurada no mesmo ano, em 1952 (CPGNP).

4.5.4 Nossa Senhora de Lourdes

Situada na localidade de Linha cinco. A região de Linha Cinco também foi um local que necessitava de amparo espiritual. Distante da Matriz, e povoada por pessoas na sua maioria muito pobres, alheias a qualquer prática religiosa. A dificuldade aqui encontrada para a construção da Capela é o mesmo de qualquer outro lugar. A condição financeira da população. Assim todos ajudavam como podiam: vendendo produtos agrícolas, outros colaboraram com seu trabalho, tudo em benefício da Capela. O terreno para a construção foi doado pelo casal Júlio Rossato e esposa. Também foi construída uma olaria para a confecção dos tijolos. A Capela dedicada a Nossa Senhora de Lourdes, foi construída com 15m de comprimento 7 m de largura e 6m de altura. Foi benta e inaugurada aos 11 de fevereiro de 1931. A comunidade local hoje usufrui de uma estrutura com salão de

festas, cozinha e churrasqueira, boa copa e escola de alvenaria. Um belo altar de autoria do senhor Henrique Rudiger e três imagens de Santos: Santo Isidoro, Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora das Graças. No ano de 1952, foi construída, ao lado da capela uma torre, contendo 27 metros de altura.

4.5.5 Santa Terezinha

Esta capela está situada em Potreiro da Serra. Localiza-se a beira campo, na fazenda do Senhor Salvador Rosa, doador do terreno à Mitra. A estrada que leva ao lugar é muito íngreme, atravessa o Arroio Mello e sobe o cerro chamado “cerro das quatorze voltas”. A primeira capela foi construída em madeira, devido a problemas financeiros da época. Esta capela foi inaugurada a três de outubro de 1933, dia em que se comemora a dia de Santa Terezinha. Atualmente a capela que era de madeira foi substituída por uma outra de alvenaria, inaugurada solenemente no dia 3 de outubro de 1964 pelo Mons. Frederico Didonet, vigário geral da diocese. No momento a comunidade usufrui de um salão de festas, quadra de esportes e um novo e moderno prédio onde a funciona a escola. (CPGNP- caixa de Ivorá).

4.5.6 Santo Antão

Situada na localidade de Rincão dos Mellos. Esta comunidade possuía uma pequena capela de madeira, até o ano de 1970. Com o passar do tempo, construíram uma de alvenaria, sendo inaugurada em 1972 por Dom Érico Ferrari. Na oportunidade, coisa rara para a época – pousou um helicóptero rente a capela, trazendo o Sr. Bispo e outros personagens, atraindo, além de devotos, muitos curiosos (CPGNP).

4.5.7 Nossa Senhora do Caravágio

Situada na localidade de Sítio Alto. A primeira Capela dedicada a Nossa Senhora do Caravágio foi construída pelos primeiros moradores que se estabeleceram na região. O terreno foi doado à Mitra Diocesana pelo Senhor Lourenço Dalla Corte, no ano de 1906 e recebeu este nome porque em Milão (Itália) existe o grande santuário do Caravágio. A capela de madeira, com o tempo foi

tornando-se pequena e necessitava de muitos reparos, por esta razão foi substituída por outra de material. A nova capela possui 20 m de comprimento, 8m de largura e 7m de altura e sua torre com 20m de altura. Sua inauguração deu-se no dia 6 de fevereiro de 1940. (CPGNP)

4.5.8 Três Bem Aventurados Mártires Rio-Grandenses

Situada em Campinho da Lagoa. A construção desta Capela só foi possível graças ao empenho da população local, que juntamente com o pároco, decidiram prestar sua homenagem aos Três Bem Aventurados Mártires e Apóstolos do Rio Grande do Sul. Deve-se a eles os benefícios da fé e da civilização cristã, como também comemorar IV Centenário da Fundação da Companhia de Jesus (1514–1941) a quem, tanto o Rio grande do Sul e o Brasil devem os benefícios espirituais a esses. A planta da capela foi elaborada pelo engenheiro João Lapis e a construção, por sua vez foi confiada ao Sr. Olinto Lôndero, no ano de 1941. Foi benta e inaugurada por D. Antônio Reis, em 11 de janeiro de 1942 (CPGNP).

4.5.9 São João Batista

Situada na localidade de Rincão dos Mellos. Comenta-se que nos primórdios de 1915, foi construída em madeira pelos próprios moradores uma pequena Capela. Após algum tempo esta, foi demolida para ser construída uma outra de alvenaria de aproximadamente 5 metros de largura por 8 de comprimento no ano de 1929. Esta comunidade pertenceu à paróquia de Júlio de Castilhos até o ano de 1935. Esta capela a partir de 1935, passou a ser atendida pelo Monsenhor Humberto Busato, até que em 25 de dezembro de 1943, pelo decreto do Bispo Diocesano D. Antônio Reis, a capela passou a pertencer definitivamente à paróquia de Ivorá, abrangendo toda zona de campo, até o “Passo do Felício”. No ano de 1955, foi construída a atual Capela, e numa solene benção em 19 de dezembro do mesmo ano foi realizada a crisma de 292 crianças. Hoje a atual capela possui um salão de festas, quadra de esportes e uma escola de ensino fundamental (CPGNP).

4.5.10 Santa Maria Goretti

Situada na localidade de Piruva. Conta-se que pelo ano de 1953, com a canonização da Santa e Mártir Maria Goretti, a Paróquia de Ivorá, quis divulgar a

devoção à Santa e construiu uma capela dedicada a ela. A santa também foi escolhida para ser a Padroeira da cidade. Esta capela-escola foi construída em madeira no ano de 1954. No dia da inauguração foi trazida pelo Bispado de Santa Maria uma relíquia da Santa, que foi venerada pelos fiéis. Em 1981 a capela foi demolida, dando lugar a uma outra de alvenaria, dispondo espaço para atendimento escolar, celebrações litúrgicas, como também a realização de Festas em homenagem a Santa Padroeira.

4.5.11 São José

Hoje Matriz. A primeira capela a ser construída em Ivorá. Era de madeira e muito rústica. “A humilde capelinha tinha sete metros de comprimento, quatro de largura e três de altura. Uma mesa rústica, como altar, duas garrafas como castiçais, um pequeno crucifixo, dois quadros – um de São José e outro de Nossa Senhora do Rosário - constituíam todo o ornato do humilde templo.” (BELLINASO & MARCON, 1993, p.18).

4.5.12 São João

Não foi encontrada documentação a respeito desta capela.

4.5.13 Nossa Senhora Aparecida

Situada na localidade de Pedras Brancas. É uma pequena comunidade, fundada por fugitivos da revolução de 1893 e também por ex-escravos. Este lugar pitoresco, encravado entre duas paredes de basalto, banhado por um afluente do Arroio dos Mellos, foi doada pelo Sr. Salvador Rosa, homem bom e caritativo. Lá pelo ano de 1960 o senhor Heleno Gulart escavou um nicho numa enorme pedra e colocou a imagem de Nossa Senhora Aparecida, onde rezavam o terço todos os domingos e cantavam louvores a Maria. O padre Pedro Marcelino Copetti rezou a primeira missa no ano de 1964. Em 1985 foi construída uma capelinha de alvenaria, com o auxílio da comunidade e da prefeitura municipal de Júlio de Castilhos (BELLINASO & MARCON, 1993, p.45).

4.5.14 São Manuel

Situada em Val de Serra. A Capela dedicada a São Manuel, construída e solenemente inaugurada em 30 de janeiro de 1927. A comunidade de Val de Serra passou a pertencer à paróquia de Ivorá somente em 1925, conforme o decreto diocesano de 21 de janeiro do mesmo ano (CPGNP).

4.6 Capelas de Faxinal do Soturno

4.6.1 Santos Anjos

Segundo documentação do CPGNP esta capela foi construída em terra de Constante Biachi.

4.6.2 São Valentim

Capela situada na Linha seis Norte. Não foi encontrada documentação a respeito desta capela.

4.6.3 Santo Isidoro

Não foi encontrada documentação a respeito desta capela.

4.6.4 São Marcos Evangelista

Não foi encontrada documentação a respeito desta capela.

4.6.5 São Pio de Pietrelcina

Situada na localidade de Cerro Comprido. O responsável pela construção desta igreja foi o professor Cláudio Casassola que, cinco anos antes de se formar padre, largou a batina para se casar com Lourdes Pauletto, também ex freira. Nascido em Dona Francisca e radicado em Nova York, Casassola, ao comprar uma casa em Faxinal do Soturno, encontrou alguns livros e entre eles uma obra que contava a vida de Francesco Forgione (São Pio) A partir daí sua devoção a São Pio – que nasceu em Pietrelcina (Itália), em 1887, e ordenado sacerdote capuchinho em 1910. No mesmo ano, São Pio mudou-se para San Giovanni Rotondo, onde ficou até sua morte em 23 de setembro de 1968. Em volta da ermida há quatro pequenas

capelas que simbolizam os quatro mistérios do Rosário (gozoso, luminoso, doloroso e glorioso). Em cada uma das capelinhas, cinco imagens lembram cada um dos mistérios.

São Pio teve uma vida marcada por problemas de saúde e de fatos inexplicáveis, como estar em dois lugares ao mesmo tempo (bilocação) e possuir clarividência (capacidade de prever o futuro). Outro fato curioso na vida do Santo foi o surgimento das chagas em suas mãos, pés e peito, que muito se assemelham com as chagas de Cristo. São Pio foi canonizado em 2002.

4.6.6 Guarda Mor.

Não foi encontrada documentação a respeito desta capela.

4.7 Capelas de Nova Palma

4.7.1 São Pedro

Situada na Linha onze. O nome deriva do fato de estar localizado sobre o travessão de número 11. Os travessões são demarcações feitas a partir do Rio Soturno, que é o travessão zero, e está à distância de mil metros um do outro. Segundo o livro *Jubileu de Nova Palma*, a primeira missa a ser celebrada no local foi pelo Pe. Francisco Schuster, no ano de 1890. Os artefatos (a exemplo do sino) foram adquiridos em 1900 e a pessoa encarregada de tocar o sino era o senhor Agostinho Depellegrin. Este sino foi vendido em 1930, para a localidade de Rincão da Estrela, sendo substituído por outros três. O primeiro patrono da capela (São Vicente Ferrer) foi escolhido por Vicenzo Donza, em razão do Santo possuir seu nome. Venerado numa estátua de pedra grês, a estátua do santo foi esculpida por Giovanni Tomasi. O nome do Santo foi mudado posteriormente para São Pedro Apóstolo, por força de Pietro Pelegrin, professor muito prestigiado que doou a estátua do Santo.

Em 1910 a Igreja tornara-se pequena e necessitava-se de reparos. Surgia aí o tradicional problema: escolher outro local mais apropriado para a nova capela. Decidiu-se então que seria na baixada entre as duas colinas, local este onde acampara a primeira turma de imigrantes. O material para a construção da nova capela foi realizada numa ação conjunta entre os moradores. As telhas foram

trazidas de Silveira Martins. Os tijolos foram feitos por Giácomo Vizzoto a 2 de fevereiro de 1911. Em 1914 o reboco foi feito pelos irmãos Mário e Pietro Bay, vindos de Porto Alegre. O forro e remate da torre foram feitos por Alberto Cassol. Em 1917, foram colocados 10 bancos e em 1918 a porta, confeccionada por Giuseppe Battistella e as janelas pela oficina Sari de Novo Treviso. Em 6 de setembro de 1914 foi festivamente benta pelo Bispo Dom Miguel.

Segundo consta no Livro de Inventário do Curato de Nova Palma a capela adquiriu em 1890 “um altar de cedro, “diversi quadri di carta⁴”, ambos feitos na colônia. Uma pietra sacra, adquirida pelo padre Matias, um campanello, trazidos da Itália pelo mesmo sacerdote” (CPGNP).

4.7.2 São Francisco

Situada na linha base. Uma grande seca assolou o início de 1911. Havia muitos incêndios, peixes que morriam. O calor era insuportável. A comunidade local decidiu buscar ajuda: Realizaram-se procissões com a comunidade da paróquia. De Linha Base, grupos de fiéis dirigiram-se a Linha Sete, seguindo uma cruz carregada por Ângelo Piovesan com penitência e rezas pela chuva que não chegava. Na volta, Ângelo cravou a cruz na bifurcação da estrada geral com a que entrava pelas terras que Amélia Ribas estava vendendo aos colonos. Começava aí a disputa do local onde seria construída a primeira capela. O senhor Serafin Trentin, queria a construção da Igreja na bifurcação de Mateus Manfio porque ali existia água boa, segura e fácil. Mas os Stefanellos insistiam que ficasse perto do sobrado industrial recentemente construído. Contrariando as que ficassem próxima a Soturno, ficou Oratório particular (capela –escola). Num total de doze famílias, se pretensões, as leis eclesíásticas e o próprio Cura, padre Burmann que, para afastá-la do território da Matriz, queria centrá-la na bifurcação Varador – Pinhalzinho (Novo Paraíso). As chuvas vieram. E o povo na mesma cruz veio agradecer e continuaram a se reunir para rezarem o terço. Com a chegada à Soturno em 1912, Dom Miguel de Lima Valverde, que criou o Curato da Santíssima Trindade, tomou conhecimento da demanda e das diferenças em relação ao local da construção da Igreja, logo solucionou o problema, afirmando que poderiam ser construídas duas igrejas: uma

⁴ Diversos quadros de papel

com “São Miguel que é meu padroeiro e a outra com São Francisco padroeiro do Cura.” E assim ficou na Linha Base reuniram para erguer a primeira igreja de madeira, e em 8 de setembro de 1913 Padre Burmann a abençoou. Com o aumento dos fiéis e o envelhecimento do oratório, por volta de 1919 já se iniciava a construção de uma nova igreja de alvenaria (CPGNP).

4.7.3 Cristo Redentor

Situada em Caimborá. Segundo Sponchiado (1996, p.277), “A Denominação da palavra” Canhemborá”ou ”Cañybora” significa índio fugido. Conta-se que por volta de 1850, Francisco Antônio Borges, ou seu antecessor, querendo adquirir do Império uma gleba deste travessão até o Jacuí, veio com agrimensores explorar a mataria. Junto ao lajeado (hoje barragem Emílio Streck) toparam com um índio agonizando. Sozinho, estirado no chão. Onde vinha?...Quem o deixou? Não sabemos. Em 20 de dezembro de 1962, foi lavrada a escritura do terreno de 6.228m² à Mitra Diocesana adquirido de Alma B. Streck. O início dos trabalhos deu-se com a festa a 28 de abril de 1963. O pe. Luiz Sponchiado rezou missa sobre o terreno embaixo de barraca e sobre estrado. Enquanto esperava-se pelo material, para o início da construção, no local, aos domingos os fiéis reúnem-se para rezarem o terço. A planta da capela, cujo nome do patrono ficou denominado de Cristo Redentor, elaborada pelo Pároco, previa uma cripta de 12x12m para abrigar as celebrações e servir como salão. Em trabalho comunitário conseguiram que fosse inaugurada na festa de 25 de outubro de 1964. Mais tarde se viu que o espaço era insuficiente. Elaborou-se novo projeto mais amplo com anexa residência, prevendo uma futura sede paroquial. A comunidade local possui hoje moderna churrasqueira e cancha de bocha. A planta da capela, cujo nome do patrono ficou denominado de Cristo Redentor, elaborada pelo Pároco, previa uma cripta de 12metros de largura por 12 metros de comprimento, para abrigar as celebrações e servir como salão. Em trabalho comunitário conseguiram que fosse inaugurada na festa de 25 de outubro de 1964.”

4.7.4 São Valentim

Situada na localidade de Sanga Funda. O nome “Sanga Funda” é derivado do Vale profundo em que corre o lajeado que vai desaguar no Jacuí. O território da

capela está dividido ao meio por um travessão paralelo ao rio Jacuí que separa duas antigas Colônias: A Colônia Santo Ângelo (Agudo), medida em 1880 e que recebeu imigrantes e descendentes alemães, e o Núcleo Soturno (Nova Palma), que foi medido a partir de 1884 e que recebeu imigrantes italianos. No início, os primeiros imigrantes a se fixarem na região foram os alemães (1878), nas margens planas e férteis do Jacuí. Já os colonos de origem italiana, chegaram bem mais tarde, por volta de 1905, vindos da região de Val Veronês, como é o caso das famílias Sperandio, Minuzzi. Também temos a presença do caboclo, cruza esta de índio com negro escravo e o português. O primeiro sacerdote a visitar e benzer o local foi o Pe. Francisco Burman, quando era coadjutor do Curato de Vale Vêneto e residia em Soturno. A capela cujo patrono é São Valentin foi construída no terreno doado por Antônio Bortolás. A imagem do Santo foi doação de Cezar Minuzzi e foi benta em 29 de janeiro de 1967. Graças ao empenho de todos, trabalhando em forma de mutirão, foi erguida a igreja, com madeira doada e um sino improvisado. Teve sua bênção e inauguração em 19 de junho de 1966.

4.7.5 São José

Situada na localidade de Linha Cinco. Esta capela denominada “São José”, segundo Sponchiado (1996, p. 243) “a pedido do Pe. João Vogel, Cura em Vale Vêneto, o Bispo do RS, Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, a 25 de outubro de 1890, deu licença para a construção e bênção de uma capela sob o patrocínio de São José na Linha Quinta de Soturno. No mesmo documento também autorizava a criação de uma cemitério no local. Onde a 3 de novembro de 1889 fora enterrado Batista Battistela (Tita), no lote 203. Para aquelas alturas tinha sido aberta, pelo Chefe da Comissão de terras, Siqueira Couto, uma estrada em 1887. A cruz solitária serviu para a oração dominical. Em 1892, no dia do padroeiro São José – 19 de março – Pe. Jacó Pfändler, rezou a primeira missa na capelinha de madeira”.

4.7.6 São Miguel

Localizada em Novo Paraíso. “O local onde hoje se encontra a capela, o proprietário De Franceschi cedeu a terra na planície onde havia uma antiga cancha de carreiradas. O terreno de 5919m², que serviu também para o cemitério, foi escriturado à Mitra Diocesana em julho de 1915. A 12 de novembro de 1912 o Bispo

Dom Miguel concedeu ao Pe. Burmann a licença de “poder erigir uma capela em honra de São Miguel, no lugar denominado Paraíso, no curato de Soturno, podendo benzer a primeira pedra e a mesma Capela depois de construída.”(Sponchiado, 1996, p. 268)

4.7.7 Santo Antonio do Gramado

A denominação “gramado” provém de os pioneiros terem encontrado na mata virgem uma clareira de baixa vegetação em banhado. Possivelmente os animais, que aí vinham matar a sede trouxeram sementes de grama, que se desenvolveu formando um gramado. Desde 1925 estavam em conflito os moradores do Comércio (local onde chegavam as carretas com mercadorias, que vinham de vila Rica) e os Stefenello na concorrência em sediar a capela. Diante disso e o aumento dos moradores no Gramado, o pároco de Julio de Castilhos, Pe. Aparício Menezes autorizou a construção da tão desejada capela no Gramado. Os fabriqueiros João Dallanora, Floravante Rossato e Vico contrataram Giovanni Lago para erguer o edifício, que foi bento festivamente pelo Pe. Aparício a 12 de maio de 1931.” (Sponchiado 1996, p. 274).

4.7.8 Nossa Senhora da Salete

Está localizada na localidade denominada Rincão do Padilha. “A região de campo onde está a capela, bem na sombra do mato, que divide a fazenda de criar da terra de cultivo, pertenceu ao latifúndio dos irmãos José Maria e João Padilha. Na partilha de 1848, passou a pertencer ao cunhado dos Padilhas, estancieiro José Pinto Ribas. Com novas partilhas coube a área a José Mário da Rosa, cujo filho Eduardo doou o terreno que assenta a capela. Cumprindo o acordo de 1965, por Decreto de 1º de junho de 1991, a capela de Sanga Funda passou a pertencer à Dona Francisca”. (SPONCHIADO, 1996, p. 289).

4.7.9 Santa Cruz

Situada na linha sete. Segundo os estudos de Sponchiado esta “capela foi edificada em 17 de julho de 1890, o Bispo do RS, dá autorização para edificar uma capela na Linha Sete do Núcleo Soturno, na Freguesia de Santo Antônio em Silveira Martins, sob o titulo de Invenção de Santa Cruz.” (SPONCHIADO, 1996, p. 247).

4.7.10 Santo Antônio

Localizada em linha três. Esta capela também surgiu, assim como muitas capelas da Quarta Colônia, em razão da localização do cemitério. Segundo consta nos estudos de Sponchiado que o primeiro a falecer na região foi o “ancião viúvo Francesco Busato, sepultado em terra particular a 12.10.1888. Também outra morte ocorreu na pessoa de Maria Prendin, casada com Luigi Bovaria, que se enforcou em 12 de agosto de 1890, já tinha demarcado campossanto de 50X50 em lote de Pietro Barbieri. Assim o Bispo Dom Cláudio a 25 de outubro de 1890, permite ao Pe. João Vogel, benzer este cemitério e erigir uma capela sob o título de Santo Antônio. Interessante que esta licença foi dada “de viva voz”. (SPONCHIADO, 1996, p.253)

4.7.11 Santo Isidoro do Comércio

Leva esse nome em razão do lugar ser “a chegada das carretas que vinham de Vila Rica para trazer as mercadorias que eram vendidas aos moradores dispersos, tanto da campanha como dos fundões da serra. Após muitas desavenças entre a população local em determinar o local da futura igreja, foi determinado pelo padre Arlindo Rubert que no atual Comercio foi construída uma capela de madeira de bom tamanho e aspecto. Tocou-me a honra de lhe escolher o padroeiro, com consentimento do povo, que foi Santo Isidoro Agricultor, e de fazer a benção da inauguração, que foi no dia 1º de janeiro de 1950 com missa cantada e grande concurso de fiéis. Em 1965 iniciou-se a construção da atual igreja, desenhada, a pedido, pelo Pe. Sponchiado.” (SPONCHIADO, 1996, p. 273).

4.7.12 Bom Pastor - Sétima

“A denominação vem do riacho que desanda da íngreme encosta direita do Rio Jacuí, onde deságua, tendo sua nascente coincidindo na medição de 1904 com um travessão de número 7. O terreno onde foi construída a capela foi doação feita por João Cortez, e teve a participação do Pe. Luis Sponchiado. Numa ação conjunta entre a população local, fizeram à limpeza do terreno e à tardinha do mesmo dia, no canteiro de obras foi rezada a 1ª missa, por Luis Sponchiado.” (SPONHCHIADO, 1996, p.284).

4.8 Capelas de São João do Polêsine

4.8.1 São João do Polêsine

A primeira capela a ser construída foi feita em madeira, no dia 18 de janeiro de 1900 e foi atendida pelos padres de Vale Vêneto. Como a primeira Capela foi feita em madeira e de pequenas dimensões, decidiram pela construção de uma outra maior e de alvenaria que atendesse às necessidades locais. Entretanto em 3/05/1920, foi autorizada pelo Bispo Diocesano o início da construção da nova igreja, hoje Matriz. As terras que hoje se encontram no distrito de São João do Polêsine pertenceu à família Py, que posteriormente vendeu aos colonos vindos de Vale Vêneto e Bento Gonçalves. Entre estas famílias de colonos encontrava-se Luis Rosso e Paulo Bortoluzzi, que juntamente solicitaram a vinda de sacerdotes para Vale Vêneto (Pe. Antônio Sório). (CPGNP – Caixa de São João do Polêsine).

4.8.2 São Rafael

Por não ter documentação a respeito desta capela foi feita entrevista no dia 23 de outubro de 2008 com o padre Osvaldo Rafael Cremonese, responsável pela paróquia São João Batista do município de São João do Polêsine. Segundo Ele “a capela de São Rafael foi construída na década de 1980”, não sabendo dizer exatamente o dia e nem se o terreno foi doado ou comprado pela mitra de Santa Maria. Porem soube informar “que a capela foi feita em forma de mutirão pela população local”. A capela antigamente levava o nome de São Roque, atualmente foi mudado para São Rafael, localizada na comunidade de São Rafael”.

4.8.2 Três Vendas

Não foi encontrada documentação a respeito desta capela.

4. 9 Capelas do Vale Vêneto

4.9.1 São Patrício

Esta capela foi construída em 1897 e teve como construtor o senhor Baldissera. Conta-se que a construção deve-se a promessas feitas para afastar as cobras que havia no lugar. Muitas pessoas morreram inclusive Ângela, esposa de Luís Iop (CPGNP).

4.9.2 Santa Ana

Teve sua construção em 1904, pela família de Atilio Iop. A construção deu-se em função de promessas da cura das doenças das crianças. A doação da área ficou somente na palavra, isto é não tendo registro algum até o ano de 1904. (CPGNP).

4.9.3 Nossa Senhora das Dores

A Pequena capela foi construída em 1932. Conta-se que a capela levou este nome, porque alguém caiu da aranha (meio de locomoção da época) e permaneceu por muito tempo ferido. Daí a derivação do nome. (CPGNP).

4.9.4 São José

Esta capela está situada “dentro das terras da fazenda São Pedro, na Paróquia do Corpo de Deus de vale Vêneto. O senhor Antônio Pivetta, um dos fundadores da capela, tendo sua mulher doente fez uma promessa que se não fosse necessário ser operada, pois já sofrera duas e estava na iminência de ter que fazer outra grande e perigosa, ergueria um oratoriozinho, em honra de Nossa Senhora do Rosário. Dirigindo-se ao vigário, este achou melhor, em vez de fazer um oratoriozinho construir uma capela, pois havia naquele lugar muitas famílias, cabendo muito bem uma capela. Reunindo-se com os moradores do lugar, todos concordaram em construir uma capela. Sugeriu o vigário que ao invés de a padroeira Nossa Senhora do Rosário, que era a promessa, ficaria São José, pois não havia nenhuma capela na paróquia daquele santo. No dia trinta e um (31) de março de mil

novecentos e quarenta (1940), foi feita a bênção e o lançamento da primeira pedra.” (livro Atas – Capela São José Vale Vêneto – Livro III, folha 126. 24XII – 1942).

4.9.5 São Valentim

Esta capela é a mais antiga da região. Foi construída em 1893, pelo Sr. Giovanni Venturini. O motivo da construção deu-se em função da promessa feita a São Valentim, que por ocasião da grave doença do filho, que tinha constante ataque de epilepsia, a fez construir. Esta é a única Capela que possui a relíquia do Santo (CPGNP).

4.9.6 Nossa Senhora da Pompéia

Localizada em Vale Vêneto. Esta capela foi construída em 1894, pela família Bortoluzzi. O motivo da construção deu-se em função da promessa feita por Santa Pupim, esposa de Domenico Bortolizzi. Esta prometeu a Nossa Senhora da Pompéia, que, se tivesse a cura do câncer, construiria a Capela. Teve uma pequena melhora da doença, mesmo assim construiu a pequena Capela, vindo a falecer posteriormente (CPGNP).

4.9.7 São Pedro do Ribeirão

Foi fundada a primeira capela de pau-a-pique em 1888. Em novembro de 1924 – imagem e devoção a Nossa Senhora da Saúde. Em 1913 – atual capela (CPGNP).

4.9.8 Santa Lúcia

Não foi encontrada documentação a respeito desta capela.

4.9.9 São Rafael

Segundo o livro Atas de Vale Vêneto “Esta capela foi inaugurada no dia 8 de novembro de 1942, pelo padre Fioravante Trevisan. Na véspera da inauguração, chegou o reverendíssimo padre Benjamim Rosso, colega espiritual, que com a devida licença, presente nas atividades civis locais e uma grande massa de povo

benzeu solenemente a capela com o nome de São Rafael”. (livro Atas, 28 XI, 1942 – livro III folha 125).

4.9.10 Santo André

Segundo consta no Livro Atas de Vale Vêneto, “esta capela foi construída em mil novecentos e vinte e cinco (1925). Os fundadores foram o senhor Fortunato Grigoletto, André Viero, Ilário Bianchin, Luiz Zago, Olivo Ângelo Pivetta e Luis Pivetta. A capela foi inaugurada no dia vinte e dois de março (22) de mil novecentos e vinte e seis (1926), dia em que foi benta solenemente e se fez a primeira festa. O terreno, onde foi construída a capela foi doado pela família André Viero e escriturada a Mitra de Santa Maria, no dia vinte e dois (22) de agosto de mil novecentos e vinte e sete (1927). (Livro Atas – capela Santo André , 21 XI,1942, livro III, folha 125).

4.9.11 Nossa Senhora Aparecida (Santuário)

Fundada em 28 de janeiro de 1955 (Arquivo Histórico Provincial N. Senhora Conquistadora). Segundo consta no livro Atas: “os padres da paróquia de Vale Vêneto rezavam missa de vez em quando em casas particulares no lugar denominado Passo da Porteira para atender aquela gente, na maioria gente de cor. Em pouco tempo a capelinha estava pronta e foi inaugurada. Muito bem feita e esmerada, tal qual hoje existe, começa a ser chamada em sentido lato, é claro de Santuário. Este nome Santuário tornou-se tão comum que cedeu o mesmo ao próprio lugar.” (Livro Atas, 28 XI, 1942, livro III, folha 125).

4.9.12 Santa Terezinha

Segundo o Livro Atas de Vale Vêneto esta capela foi “iniciada e terminada no ano de mil novecentos e vinte e nove (1929). A bênção e inauguração da capela Santa Terezinha, foi no dia quinze (15) de novembro de mil novecentos e vinte e nove (1929). A primeira festa foi feita no dia vinte e seis (26) de abril de mil novecentos e trinta (1930)”. (Livro Atas, 21 XI 1942. Livro III folha 125).

4.9.13 São Sebastião

“Esta capela foi construída no ano de mil novecentos e trinta e oito (1938), e em março de mil novecentos e trinta e nove (1939), veio o Reverendíssimo Padre Valentim Zanchi benzer a capela e fazer a primeira festa. No dia 18 de janeiro de 1942 foi benta a estátua de São Sebastião” (livro Atas, 28 XI, 1942 – livro III, folha 125).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve a pretensão de investigar o legado religioso deixados pelos antepassados italianos residentes na região da ex-Quarta Colônia de Imigração Italiana. Foi através da fé e dedicação que muitos deles, como forma de promessa e devoção, erigiram capelas, oratórios, como forma de agradecimento pelas graças alcançadas. Assim, a investigação utilizou como material bibliografias e documentação a respeito da religiosidade existente na Quarta Colônia, os quais permitem maior compreensão dos significados da religião para os descendentes de italianos no Brasil.

Portanto, estudar o legado religioso deixado pelos italianos constitui uma forma de entender as inúmeras razões de sua partida a um “mundo” totalmente desconhecido, onde a esperança de prosperidade rápida foi o que prevaleceu. Entre os conjuntos de fatores sociais e culturais que marcavam os imigrantes, estava presente uma fé intensa, a qual se revelava tanto nos indivíduos quanto nos grupos, na ação das comunidades. Sendo assim, entendemos que a crença em Deus foi o “alicerce” para estes homens e mulheres – um fator fundamental para que vencessem as dificuldades encontradas na nova terra.

O legado religioso existente na Quarta Colônia, enfoque deste trabalho, ainda está muito vivo entre os moradores da região. As festas típicas relembram o passado e são tradicionalmente acompanhadas através de cânticos, rituais e missas, acompanhadas sempre por um grande número de fiéis. Essa tradição religiosa parece não ter sofrido interferência dos novos valores culturais agregados com as inúmeras mudanças em que a sociedade vem sofrendo. Os mais idosos parecem fazer questão de conservar esse legado e, nos mais novos, este compromisso de preservar também existe. Foi nessa mescla de compromissos e de preocupação com preservação que procurei buscar as respostas para meus questionamentos a respeito da religiosidade, do orgulho, da perseverança, enfim dos elementos que da etnicidade desse povo, e qual o papel que a religião teve nisso tudo. O que a religião e a Igreja Católica representaram e representam para os descendentes italianos.

A preservação dos templos religiosos dentro da comunidade estudada é fator de orgulho para a população. A religião está acima de tudo, e está sempre

presente e cheia de motivação, seja na hora da decoração que antecede a festa do padroeiro, seja na hora da oferenda, da missa, parece tudo ser motivo de felicidade. Todo esse conjunto de fatores remete a um forte legado religioso deixado pelos antepassados e é preservado e repassado para as gerações futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO HISTÓRICO PROVÍNCIA NOSSA SENHORA CONQUISTADORA (Santa Maria, RS). Bispado da Diocese de Santa Maria: **Livro Tombo**. Santa Maria-RS.

BIASOLI, Vitor Otávio F. **O catolicismo Ultramontano e a Conquista de Santa Maria da Boca do Monte (Rio Grande do Sul – 1870/1920)**. 2005. Tese (Doutorado em História)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BISPADO DE SANTA MARIA (Santa Maria, RS). Bispado da Diocese de Santa Maria: **Livro Atas**. Santa Maria-RS, 1942.

BISPADO DE SANTA MARIA (Santa Maria, RS). Bispado da Diocese de Santa Maria: **Livro Atas de Silveira Martins- Registro Livro III, folha 143**. Santa Maria-RS, 1944.

BONFADA, Genésio. **Os Palotinos no Rio Grande do Sul: 1886 a 1919. O fim da Província Americana**. Porto Alegre: Pallotti, 1991.

CIELO, Fernanda. **O Cotidiano das Crianças da Quarta Colônia do Rio Grande do Sul, no período de 1909 a 1930**. Monografia (Especialização em História do Brasil) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

CPGNP - CENTRO DE PESQUISA GENEALÓGICA DE NOVA PALMA. (Nova Palma, RS). Paróquia de Nova Palma: **Arquivo do CPGNP**. Nova Palma-RS.

DURKHEIN, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOFF, Jacques Lê. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: Grafosul/IEL/DAC/SEC, 2001.

POZZEBON, Flávia. **Um Estudo Antropológico Sobre a Presença da Religiosidade Dentre os Imigrantes Italianos e Seus Descendentes em Vale Vêneto**. Monografia (Especialização em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

POZZOBON, Zola Franco. **Uma odisséia na América**. Caxias do Sul: EDUCS,1997.

PROBST, Carlos. **História da providência Americana da Pia Sociedade das Missões (PSM - Palotinos)**. Londrina: PSM, 1989.

SEVERINO, D. T. Bellinaso; MARCON, Frederico J. **Paróquia de Ivorá 1918-1993 75 anos de fé**. Santa Maria:Pallotti, 1993

SPONCHIADO, Breno Antônio. **Imigração & 4ª Colônia: Nova Palma e Pe. Luizinho**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria-Pró-Reitoria de Extensão,1996.

VÉSCIO, Luiz Eugênio. **O Crime do Padre Sório**: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul 1893 – 1928. Santa Maria: Editora UFSM; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. 328p.

VENDRAME, Maíra Inês. **“Lá éramos servos, aqui somos senhores”**: A organização dos imigrantes italianos na ex-Colônia Silveira Martins (1877-1914). 2007. Dissertação (Mestrado em História)-Pontifícia Universidade-PUC, Porto Alegre, 2007.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2006.